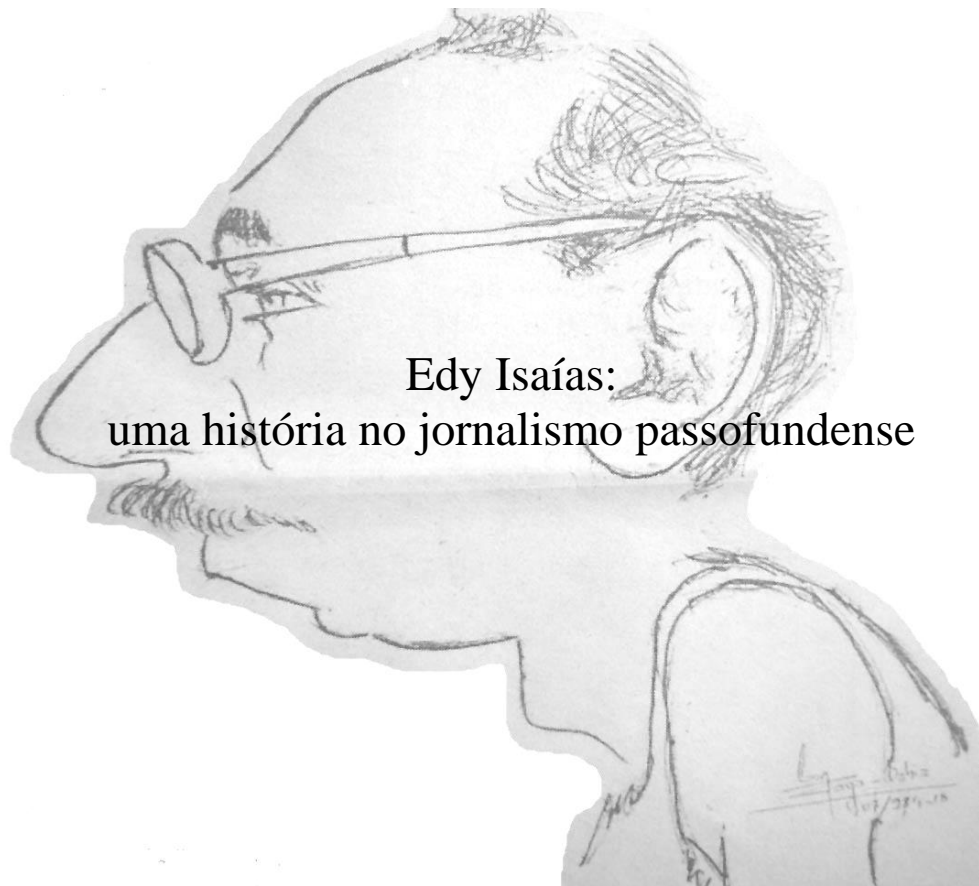


UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Fabíola Formigheri Ferreira Frosi



Passo Fundo

2004

Fabíola Formigheri Ferreira Frosi

Edy Isaías:  
uma história no jornalismo passofundense

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo,  
da Faculdade de Artes e Comunicação da  
Universidade de Passo Fundo, como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em  
Comunicação Social, sob orientação do Ms.  
Cassiano Del Ré.

Passo Fundo

2004

Fabíola Formigheri Ferreira Frosi

**Edy Isaías:  
uma história no jornalismo passofundense**

Banca examinadora:

Prof. Doutor..... – UPF – Orientador

Prof. Doutor..... – UPF – Examinador

Prof. Doutor..... – UPF – Examinador

Passo Fundo

2004

## RESUMO

O presente trabalho visa contribuir com a História do Jornalismo Regional, através de pesquisa e registro da trajetória de uma das principais figuras do jornalismo passofundense: Edy Isaías (1933-2001). Este, foi o primeiro jornalista com formação universitária, e também, o primeiro negro na profissão, em Passo Fundo. A investigação objetiva fazer um levantamento geral da vida do jornalista, identificando e pesquisando suas principais realizações profissionais: o jornal O Expresso, fundado por ele em 1961 e o curso profissionalizante de Redator Auxiliar, da Escola Cecy Leite Costa, criado com sua ajuda, em 1974, e do qual foi professor. Para isso, utiliza-se o depoimento oral de pessoas que com ele conviveram: familiares, colegas de jornalismo, colegas de magistério, ex-alunos e funcionários. Somando-se à análise dos depoimentos, realiza-se pesquisa bibliográfica e documental, identificando algumas contribuições importantes de Edy Isaías para o jornalismo passofundense, entre elas: ser responsável pelo descobrimento, formação e ascensão de outros profissionais de comunicação, principalmente através do Redator Auxiliar, de onde encaminhou seus melhores alunos para estágio em jornais e rádios da cidade. A partir daí, surgiram profissionais de sucesso que até hoje se destacam nos veículos da imprensa de Passo Fundo. Por outro lado, através da pesquisa do jornal O Expresso, pudemos identificar e caracterizar as fases pelas quais passou, contextualizadas em seus respectivos momentos históricos.

**Palavras-chave:** Edy Isaías, Passo Fundo, jornalismo, história, negros.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Eduardo e Jandira Isaías com os filhos. Edy no colo da mãe.....	31
Figura 2 – Formatura na PUC.....	34
Figura 3 – Edy e M <sup>a</sup> de Lurdes (out/59). Esperavam o primeiro filho.....	35
Figura 4 – Edy Isaías em 2000.....	37
Figura 5 – Edição de O Expresso, 30 jan 1967.....	40
Figura 6 – Exemplos de tipos móveis.....	40
Figura 7 – Exemplos de clichês.....	40
Figura 8 – Capa da Edição de O Expresso, 30 jan 1967.....	41
Figura 9 – Página da Seção de Esportes O Expresso, 30 jan 1967.....	41
Figura 10, 11 e 12 – capas do jornal O Redator.....	53
Figura 13 – Foto do Painel de 83, no Cecy.....	54

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. O JORNALISMO: DO MUNDO PARA PASSO FUNDO.....	09
1.1 Primeiro, no Mundo.....	09
1.2 Chega ao Brasil.....	10
1.3 O Jornalismo no Sul.....	11
1.4 Enfim, em Passo Fundo.....	12
2. OS NEGROS NO RS E EM PASSO FUNDO: BREVE RELATO.....	15
3. EDY ISAÍAS: SETE DÉCADAS (1933-2001) – CONTEXT. HISTÓRICA.....	19
3.1 Anos 30.....	19
3.2 Anos 40.....	21
3.3 Anos 50.....	22
3.4 Anos 60.....	23
3.5 Anos 70.....	25
3.6 Anos 80.....	27
3.7 Anos 90.....	29
4. A HISTÓRIA DE UMA VIDA.....	31
5. O EXPRESSO JORNAL.....	38
5.1 Primeira Fase.....	38
5.2 Segunda Fase.....	43
5.3 Terceira Fase.....	45
6. O MAGISTÉRIO E O REDATOR AUXILIAR.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS.....	60

## INTRODUÇÃO

O problema principal que levou a essa pesquisa foi a escassez de registros sobre a História do Jornalismo Regional. É um campo vasto de investigação e pesquisa que merece maior atenção por parte dos pesquisadores. Até o momento, a Comunicação Social não deu a devida importância, e até urgência, em se realizar esses “resgates”, sabendo que informações preciosas, sem o devido registro, correm sério risco de se perderem no tempo e no esquecimento.

Inclusive no Curso de Jornalismo da UPF, estuda-se História do Jornalismo no Mundo, no Brasil, alguma coisa do Rio Grande do Sul e praticamente nada da história local. Isto, simplesmente porque não se sabe muita coisa a respeito, ou pelo menos não existe bibliografia que se possa adotar.

É bem verdade que os pesquisadores da área da História têm feito um bom trabalho de desvendar o passado da cidade de Passo Fundo, incluindo dados sobre a mídia impressa e eletrônica, mas o interesse principal deveria ser dos pesquisadores da nossa área. A História da Comunicação merece mais do que um capítulo, merece um trabalho inteiro.

Comunicação e História andam juntas. Afinal, como poderemos contar, interpretar e fazer a história de hoje, que se registra nos jornais locais, se não entendemos ou não sabemos como chegamos até aqui?

Os fatos do passado se refletem nos acontecimentos de hoje. E a notícia de hoje virará história amanhã. Por que não nos interessarmos mais, então, nas “notícias do passado”?

Vamos pesquisar a comunicação e comunicar a história... da comunicação!

A pergunta é: “Quem fez a história do Jornalismo em Passo Fundo?”. Muitos nomes poderão vir à mente, é verdade. Nós escolhemos apenas um: Edy Isafas.

Por quê? As razões são muitas para escolhê-lo: ele foi o primeiro jornalista com formação acadêmica em Passo Fundo e só isso já seria uma ótima razão para torná-lo alvo de uma pesquisa como essa. Em uma época em que os jornalistas eram forjados na prática das redações, ele buscou qualificar-se e tornou-se o primeiro a possuir um diploma universitário de jornalista, ainda no final da década de 50. Além disso, sua origem chama a atenção: era negro. O primeiro jornalista negro de que se tem notícia em Passo Fundo. E um dos únicos, como se observa.

Não bastassem essas duas características, que já o tornam, no mínimo, uma figura do jornalismo local digna de observação mais detalhada, ele ainda concentra em sua trajetória outros fatos marcantes: não trabalhou nos veículos de comunicação tradicionais da cidade, pelo contrário, fundou e editou um jornal no mínimo “diferente” para os moldes da época e o manteve com paixão e, principalmente, foi um pioneiro na formação de outros profissionais da área. Foi o principal fundador do primeiro curso de formação profissionalizante na área de comunicação, em Passo Fundo, muitos anos antes dos cursos de Comunicação Social da UPF chegarem para preencher a lacuna da formação acadêmica.

Por tudo isso, cremos se tratar de uma figura digna de ser investigada e de uma trajetória que carece ser registrada e contada.

O trabalho pretende ser uma biografia sucinta, um apanhado geral dessa história de vida e procurará identificar e se deter mais nos aspectos profissionais ligados ao Jornalismo.

É um trabalho mais extenso do que profundo. Ou seja, procura abranger toda a vida deste jornalista, parando em apenas alguns pontos para um pequeno aprofundamento, que não visa esgotar os temas.

Tivemos a opção de focalizar e nos deter em apenas alguma parte dessa trajetória, mas optamos por dar uma visão geral, porque cremos ser esse o pontapé inicial para que, posteriormente, cada uma dessas “facetadas” seja explorada e devidamente aprofundada, como de fato merecem.

Primeiramente, uma revisão de bibliografia foi feita para que se desse uma origem para o jornalismo em Passo Fundo, o que está apresentado no primeiro capítulo desse trabalho. Em seguida, buscamos a gênese da origem cultural do jornalista: um breve relato sobre os negros no RS e em Passo Fundo, que é apresentado no segundo capítulo do trabalho.

No terceiro capítulo, apresentamos o período histórico que esse trabalho abrange, que são sete décadas: de 30 ao final de 90. Esse período foi escolhido por se tratar dos anos



de vida de Edy Isaías (1933-2001) e, nesse capítulo, procuramos localizá-lo nessa longa fase da história brasileira, mundial e regional. O objetivo é traçar uma linha cronológica em que fatos da vida de Edy surgem para ganharem, depois, seu próprio destaque.

A partir daí, os três capítulos que se seguem apresentam, sucessivamente, sua história de vida geral, o jornal O Expresso e o curso de Redator Auxiliar na Escola Cecy Leite Costa.

Para a realização dessa pesquisa, utilizamos a história oral. Captamos entrevistas (as quais poderão ser encontradas, transcritas, nos anexos deste trabalho) e, também, fizemos análise de alguns documentos (jornais, etc) os quais nos pareciam importantes para complementar as informações obtidas através das fontes orais. Estas foram escolhidas de modo a obter uma visão global do jornalista investigado. Familiares e colegas (professores e jornalistas), funcionários e ex-alunos, todos pessoas que conviveram com Edy Isaías em alguma etapa de sua vida – ou em toda ela.

Homem, negro, jornalista e professor. Com vocês: Edy Isaías!

## 1. O JORNALISMO: DO MUNDO PARA PASSO FUNDO

### 1.1 Primeiro, no Mundo

O jornalismo, em primeira instância, é fruto de uma necessidade profunda de conhecimento e informação, que remonta aos povos mais antigos. Stephens (1993, p. 37) lembra que até mesmo povos pré-letrados ou semiletrados se ocupavam de ouvir e contar “novidades”. O historiador Pierre Sardella (apud STEPHENS, 1993, p. 47) escreveu: “Sem as notícias o homem se sentiria infinitamente diminuído”.

Querer saber o que está acontecendo é nato do ser humano e se manifesta desde as primeiras atividades de transmissão das notícias, feitas por pombos correios, arautos ou mensageiros profissionais, que levavam e traziam de uma localidade à outra informações de caráter político, religioso e pessoal, entre outros.

Entretanto, foi com o advento da imprensa, no século XV, que se inicia o que se pode chamar de primórdios do jornalismo. Segundo Rudiger (1993, p. 10), no século XVI, surgem folhas noticiosas e pequenos relatos extraordinários impressos que, aos poucos, vão ganhando periodicidade regular e fazendo surgir casas editoras especializadas. Já no século XVII, a intensificação da atividade comercial faz surgir o primeiro jornal semanal, no ano de 1607, em Amsterdã (Holanda) e as duas primeiras revistas, em 1609, também na Europa.

Nesse período inicial, sobretudo, a política estava intimamente ligada à imprensa. Através dela, informações “oficiais” podiam ser comunicadas ou criticadas. No último caso, a censura entrava em ação.

Foi a partir da Europa colonizadora que, no século XIX, a imprensa alcançou as colônias em todo o mundo, chegando ao Brasil em 1808, juntamente com a família real.

## 1.2 Chega ao Brasil

A família real deixou Portugal às pressas para fugir da invasão de Napoleão Bonaparte, mas não esqueceu de trazer o material tipográfico com ela. Sendo assim, em 31 de maio de 1808 é criada a Imprensa Régia no Rio de Janeiro, que foi uma das primeiras medidas tomadas para adequar e equipar a colônia para ser a sede provisória da Coroa Portuguesa.

Em setembro do mesmo ano começou a circular o jornal A Gazeta do Rio de Janeiro, que era um órgão oficial da administração portuguesa. O primeiro jornal brasileiro, entretanto, é o Correio Brasiliense, editado na Europa, em junho de 1808.

[...] Antes da Gazeta, porém, em 1º de junho de 1808, em Londres, Hipólito José da Costa tirava a primeira edição do Correio Brasiliense. Este era mensal, com 72 a 140 páginas e chegava ao Brasil escondido. Seu conteúdo era doutrinário, defendendo as idéias liberais e o abolicionismo e desagradando, assim os interesses portugueses. O Correio publicou 175 números, até dezembro de 1822. (BERTOL; FROSI, 2004, p. 5).

Neste período havia censura prévia nos jornais, principalmente naqueles não-áulicos. Mesmo assim, diversos surgiram a partir de 1921 e foram importantes na divulgação das idéias que levaram à independência do Brasil, em 7 de setembro de 1922.

Essa nova etapa da política nacional foi marcada pela presença dos pasquins, que eram jornais efêmeros, tipo panfletos e usavam linguagem violenta e agressiva. Seu objetivo era dar voz às principais forças políticas rivais: Liberais e Conservadores. Os pasquins eram irreverentes e chegavam a ponto do insulto pessoal e da calúnia.

Do Rio de Janeiro, a imprensa vai se espalhando por outras províncias, muitas vezes trazida pelos governos locais, que sentiam necessidade de comunicar suas idéias. É assim que, em 1827 a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul ganha o seu primeiro jornal: O Diário de Porto Alegre.

### 1.3 O Jornalismo no Sul

O primeiro jornal gaúcho, chamado Diário de Porto Alegre, surgiu em 1827 para ser órgão oficial da Coroa Portuguesa na província. Este abriu caminho para outros periódicos que começaram a “pipocar”, motivados pela situação política efervescente, neste período pré-revolução Farroupilha. Alguns desses eram de orientação restauradora (queriam a Monarquia), outros republicanos (jornais farroupilhas separatistas) ou liberais (que apoiavam a revolução, mas não a República).

Segundo Silva (1986), podemos esquematizar as fases da imprensa gaúcha da seguinte forma:

*1ª Fase:* Inicial (de 1827 a 1851): Abrange o período pré-revolução Farroupilha até seis anos depois da pacificação. Este foi o período de impulsão porque os ideais revolucionários e contra-revolucionários precisavam ser divulgados por todo o estado e a imprensa cumpriu este papel.

*2ª Fase:* Conciliação (de 1852 a 1895): Nesta fase a política perde sua exclusividade na imprensa e os jornais passam a abordar assuntos diversos, porque o público se diversifica. Também há um surgimento, a partir de 1869, da Imprensa Literária.

*3ª Fase:* Moderna (a partir de 1896): Na verdade, 1895 é o ano de criação do jornal Correio do Povo, em Porto Alegre e, por desenvolver uma produção em moldes industriais, foi um marco para a Imprensa Moderna no Estado.

Entretanto, este foi simplesmente o início de uma modernização no jornalismo gaúcho. Aos poucos, nos anos seguintes, a visão do funcionamento e estrutura dos jornais começou a se transformar numa visão mais empresarial, buscando atingir interesses não apenas ideológicos, mas muito mais econômicos e de prestação de serviços. A renovação começou na estrutura administrativa, passou aos equipamentos e tecnologia utilizados e, também, aos métodos de “fabricação” da notícia.

Essa fase testemunha, ainda, uma ascensão dos jornais da capital, como O Correio e o Diário de Notícias, em detrimento aos jornais interioranos, que permaneceram por mais algum tempo ligados à atividade política local devido à falta de sustentação econômica para transformá-los em empresas. (BERTOL; FROSI, 2004, p. 10)

Mais tarde, então, chegou a vez dos donos de jornais exigirem o aperfeiçoamento e qualificação dos profissionais. Conforme Dornelles (2002, p. 13), é nessa fase, já no final dos anos 40 e início dos 50, que começam a surgir os primeiros cursos de Jornalismo no Brasil e, também, no Rio Grande do Sul.

#### **1.4 Enfim, em Passo Fundo**

Passo Fundo surgiu ao longo da estrada dos tropeiros que levavam gado do sul para a feira de Sorocaba, em São Paulo. Tornou-se vila independente em 1857 e logo sofreu a primeira recessão financeira, com a ida da maior parte dos homens para a Guerra do Paraguai, em 1860. Somente em 1880 houve a retomada do crescimento econômico, que veio acompanhado do desenvolvimento cultural e social.

[Segundo o historiador Ney d'Ávila] em 1883 é fundado o Clube Literário “Amor à Instrução”, que contou com 120 sócios do sexo masculino, mas algumas esposas e filhas participavam. Também havia um clube informal, quase clandestino, que possivelmente passou a se reunir ainda na década de 1870, na oficina do marceneiro Augusto Reichmann (ficava próxima ao atual IE), para discutir as idéias republicanas. Eram homens jovens, letrados e com fama de pobretões. Por isso mesmo foram apelidados de “clube do toco de vela”, já que se reuniam à noite e não teriam dinheiro nem para comprar uma boa lamparina. Oficialmente, esses rapazes foram os primeiros propagandistas da República em Passo Fundo, mas, no final da década de 1880, essas novas idéias passam a ser discutidas na casa comercial do Major Lucas d'Araújo, onde hoje é o prédio do Círculo Operário. Diariamente se formavam debates dos quais participavam líderes políticos, conservadores, liberais e republicanos em formação [...] o fundamento para os debates era encontrado no jornal A Federação, de Porto Alegre, dirigido por Julio de Castilhos e que era assinado por muitos passofundenses, entre eles o próprio Lucas Araújo. (BERTOL; FROSI, 2004, p. 12).

No início de 1889, membros do antigo Partido Conservador, que tinham como líder o Coronel Gervásio Lucas Annes, e mais alguns dissidentes do Partido Liberal (que já havia sido maioria em Passo Fundo), fundam o Partido Republicano. Com a Proclamação da República, em 15 de novembro do mesmo ano, esse partido sai ainda mais fortalecido e chega ao poder. Segundo Bertol e Frosi (2004, p. 12), foi para divulgar essas idéias

republicanas que alguns jovens do “clube do toco de vela”, apoiados pelos líderes do Partido Republicano local, fundam, em 24 de abril de 1890, o *Echo da Verdade*, primeiro jornal de Passo Fundo. Era semanal e surgiu para ser o órgão oficial do Partido.

Nos anos seguintes, os Liberais, que passam a se chamar Partido Federalista, não se contentam em perder o poder para os Republicanos e se inicia mais uma das guerras gaúchas: A Revolução Federalista, ou da Degola (para economizar munição, degolavam os adversários). Chimangos (Republicanos) e Maragatos (Federalistas) lutam até 1895 no estado. Neste período, a região de Passo Fundo foi palco de sangrentas batalhas, como a do Pulador e, por isso, há completa estagnação e retrocesso econômico e cultural na cidade. Escolas, comércios e jornais fecham.

A partir de 1895, porém, a cidade volta a se estruturar. De acordo com Bertol e Frosi (2004, p. 14), os republicanos voltam a ter seu jornal, agora chamado *O Gaúcho*, e outros jornais começam a aparecer, com outros objetivos, que não apenas discutir política, entre eles: *O Viajante* (1897), para promover a cultura da erva-mate e o cooperativismo; *O Palco* (1899), para ser órgão do Grêmio Dramático Passofundense; *O Avança* (1909) e *O Guiso* (1911), humorísticos; *Folha Vicentina* (1919), jornal do grupo religioso Vicentinos, responsáveis pelo Hospital São Vicente e por algumas escolas; e *A Vanguarda* (1923). Além destes, havia diversos jornais com inclinação política, que eram os de maior expressão na cidade: *O Progresso* (1912), *O Regimem* (1917), *A Voz da Serra* (1915), *A Época* (1921) e *A Gazeta* (1924). Este foi o periódico responsável pela vinda de Túlio Fontoura para Passo Fundo. Ele havia trabalhado no *Correio do Povo* e em *A Federação*, de Porto Alegre e veio assumir a direção de *A Gazeta*, em 1926.

Aos poucos, a imprensa do interior, ainda que retardatariamente, vai se modernizando. Primeiramente, em 19 de novembro de 1925, surge *O Nacional*, fundado por Herculano Annes, Gabriel Bastos e seus familiares. Desde seu primeiro número se autodenominou “independente”. Foi primeiro semanal e, a partir de 1933, passa a ser diário. Em 1940, o jornal é vendido para seu funcionário Múcio de Castro e ainda está sob o controle de sua família.

Em 28 de novembro de 1935, depois de passar por alguns jornais da cidade e tentar iniciar outros, Túlio Fontoura funda o *Diário da Manhã* que, até hoje, está sob a direção de seus familiares.

Esses jornais surgem com a pretensão de empresas jornalísticas e vão consolidando essa posição ao longo do tempo. Prova disso é que, ambas, estão em pleno funcionamento até o dia de hoje.



## **2. OS NEGROS NO RS E EM PASSO FUNDO: BREVE RELATO**

A escravidão de negros nas Américas começou muito cedo, ainda no século XV. Segundo Maestri (1994), entre 10 e 15 milhões de africanos desembarcaram no continente americano e, estima-se que de 3 a 5 milhões destes vieram para o Brasil. As primeiras regiões a receberem esses imigrantes forçados foram as de produção açucareira mais intensa: Bahia, Ilhéus e Pernambuco. Depois foram se espalhando por todo o território, conforme a necessidade e o avanço da colonização.

Os negros provavelmente estiveram presentes desde o início da ocupação do interior gaúcho, já que, para os portugueses brancos, se tratava de elemento indispensável, quer no trabalho com a terra, nas lidas domésticas ou nas guerras. Isso fica bem demonstrado num texto de 1807, em que o português Manoel Antonio de Magalhães defende a idéia de que não se deveria exportar escravos do Brasil para as colônias espanholas, pois eram de importância militar, tais “como os artigos de guerra: pólvora, balas, armas, chumbo, ferro, cobre, aço, estanho, salitre e toda a sorte de massames náuticos”. (apud A HISTÓRIA..., 2004).

As primeiras expedições militares oficiais da Coroa Portuguesa, como a de José da Silva Paes, que fundou o forte Jesus Maria José, em 1737, trouxeram negros escravos. Este forte originou o povoado de Rio Grande de São Pedro, que deu origem à cidade de Rio Grande. Esse é, oficialmente, o início da colonização do Estado, mas sabe-se que ela já estava em andamento anteriormente, através das bandeiras e, por isso, a presença negra é anterior a esta data.



Quando a bandeira de Raposo Tavares explorou os vales dos rios Taquari e Jacuí, no final de 1635, existiam escravos negros entre seus membros. Também em 1680, na fundação da Colônia de Sacramento, a expedição comandada por Manoel Lobo trazia escravos negros. Eram 200 militares, três padres e 60 negros, dos quais 41 escravos do comandante, seis mulheres índias e uma branca e índios. Os negros representavam, portanto, mais de 20% da expedição - sem se considerar os soldados negros e mulatos livres que eram usados pelos exércitos daquela época. Também as expedições posteriores que se dirigiram à Colônia de Sacramento levavam mais negros. (A HISTÓRIA..., 2004)

Segundo Cogo, Isaías e Bastos (1985, p. 43), na bandeira de Raposo Tavares, 1635, vieram diversos negros escravos que foram os ancestrais das famílias Isaías, Almeida e da Cruz, das quais ainda há muitos descendentes na região. A tradição oral conta que esses primeiros negros se estabeleceram próximo a Nonoai e nas margens do Rio Uruguai. Em anos seguintes, as terras onde hoje se localiza a cidade de Passo Fundo se tornam local de passagem das tropas de gado que eram levadas para o comércio em São Paulo. Aos poucos começou a fixação ao longo da estrada dos tropeiros e a formação de um pequeno povoado, nas terras de Manoel José das Neves (o Cabo Neves), para onde alguns destes negros acabaram se deslocando. Em 1847, o povoado é elevado à categoria de Freguesia e, em 1857 a Vila se torna autônoma e o município é instalado.

Outro ponto fundamental para a história da ocupação do Rio Grande foi a fundação de Laguna, em Santa Catarina. [...] E na fundação de Laguna também o negro estava presente, bem como nas expedições que os lagunenses fizeram ao Rio Grande, em que constituíam a maioria dos membros. Mas foi a partir do desenvolvimento das charqueadas - que começa em 1780, com ocupação da área de Pelotas - que o tráfico negreiro começa a tomar volume. Naquele ano, os escravos - calculados em 3.280 - representavam 29% da população total do Rio Grande do Sul. (A HISTÓRIA..., 2004)

Nas charqueadas, os negros trabalhavam duramente e recebiam os piores castigos. Já nas estâncias, apesar de realizarem muitos trabalhos pesados, eram mais bem tratados. Para Cogo, Isaías e Bastos:

O negro estava presente em toda a vida da estância: o cuidado doméstico estava nas mãos das escravas e mesmo o cuidado dos filhos dos estancieiros lhes cabia, salvo sempre uma alta vigilância da senhora. As crianças, livres e escravas, cresciam juntas. As lides do campo quase sempre eram executadas em conjunto, [...] o exército e a guerra tornaram o negro mais companheiro que servo. (1985, p. 42)

A Guerra do Paraguai e a Revolução Farroupilha foram algumas das lutas que brancos e negros travaram lado a lado no Estado. E, por todos esses motivos, o Rio Grande do Sul foi um dos primeiros estados brasileiros a abolir a escravidão. Em fins de 1884 (quatro anos antes da Abolição da Escravatura), depois de grande campanha travada por Sociedades e jornais abolicionistas de todo o estado, quase não havia mais escravos na Província de São Pedro (RS).

A idéia libertadora teve a mais ampla aceitação na imprensa rio-grandense. [...] A 28 de outubro de 1883, criou-se o centro abolicionista que surgiu do Partenon Literário [...]. Promoveu a “Jornada Abolicionista” de 12 a 18 de agosto de 1884 [...]. Tanto foi o êxito que a Câmara Municipal declarava solenemente Porto Alegre cidade livre a 7 de setembro do mesmo ano. Campanha idêntica foi feita também nos demais municípios pela mesma época e com o mesmo sucesso. (COGO; ISAÍAS; BASTOS, 1985, p. 41).

Passo Fundo também entrou na luta pela abolição. Cogo, Isaías e Bastos (1985, p. 45) registram de uma sociedade fundada em 13 de agosto de 1871 (um mês antes da Lei do Ventre Livre), cujo objetivo era lutar pela libertação de crianças negras do sexo feminino. Era cobrada uma mensalidade dos sócios e, com o dinheiro, compravam a liberdade das crianças. Chamou-se *Sociedade Emancipadora Passofundense* e foram aclamados como primeiro presidente o Dr. Cândido Lopes de Oliveira e como secretário, o Major Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que, poucos anos depois seria um dos líderes da Revolução Federalista, do lado Maragato.

Os negros na região sempre tiveram destaque na área cultural e folclórica. A igreja católica incentivava apresentações musicais, teatrais e de dança, por parte de comunidades negras, em festas, sobretudo religiosas. “Com isto passaram a gozar de uma certa liberdade e eram aceitos com facilidade aqueles que apresentavam melhores condições nas recreações”. (COGO; ISAÍAS; BASTOS, 1985, p. 45). Em 1916 é fundada a Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco<sup>1</sup>, que foi, por longos anos, o ponto de encontro dos negros e um local onde sua cultura foi sendo transmitida de geração em geração.

---

<sup>1</sup> A Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco, ou simplesmente Clube Visconde do Rio Branco, tem sua sede na Rua Moron, em Passo Fundo, mas está desativada há alguns anos e o prédio em ruínas. Já foi um Clube de grande importância na sociedade passofundense e a sua história ainda está por ser pesquisada e contada.

Segundo Leandro Dóro (2004, p. 92), muitos negros trabalharam na construção da Viação Férrea e, depois de terminada a obra, alguns foram contratados para serviços administrativos na Gare da Viação Férrea. Estes, juntamente com os que ingressaram no Exército e fizeram carreira, foram constituindo a primeira classe média de negros no Estado e, também, no município. Essas famílias foram tendo condições de, aos poucos, darem estudo aos filhos, que foram ocupando cada vez mais papéis de destaque na sociedade Passofundense.

### 3. EDY ISAÍAS: SETE DÉCADAS (1933-2001)

#### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

##### 3.1 Anos 30

Os anos 30 começaram complicados, já que a quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, levou os EUA a uma crise econômica que repercutiu no Brasil. O problema é que o mercado americano era o maior consumidor de nosso café. E este era o produto que movia a economia nacional. Sendo assim, entramos em crise também. O presidente Washington Luís (1926-1930) ainda tentou contornar a crise, mas foi em vão. Era a época da República do Café-com-Leite, quando os estados do SP (produtor de café) e MG (produtor de leite), se alternavam no poder. Washington Luís (SP), com a crise do café, deu sinais de que pretendia quebrar o pacto com Minas e indicou outro paulista, Julio Prestes, para concorrer às eleições seguintes. Isso aproximou MG do Rio Grande do Sul, que começava a se destacar no cenário nacional. Da aliança entre esses dois estados surgiu a candidatura de Getúlio Vargas para presidente.

O maior partido de oposição ao partido republicano de Washington Luís era a Aliança Liberal. Era liderado pelo então governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Dorneles Vargas. [...] Seu programa apresentava um certo avanço progressista: jornada de oito horas, voto feminino, apoio às classes urbanas [...] Nas eleições de 1930, a Aliança Liberal perdeu, vencendo o candidato republicano Júlio Prestes. Mas, usando como pretexto o assassinato do aliancista João Pessoa por um simpatizante de Washington Luís, João Dantas, Getúlio Vargas e seus partidários organizaram um golpe que, em outubro de 1930, tirou Washington Luís do poder. Getúlio Vargas tomou posse do governo no dia 3 de novembro 1930, data que ficou registrada como sendo o fim da Primeira República. (A REVOLUÇÃO..., 2004)

O golpe foi dado, não sem luta. “Dentre os fatores que levaram à Revolução de 30, válido seria ressaltar alguns. Em primeiro lugar, a emergência de uma classe média, do tenentismo, de uma incipiente burguesia e do movimento operário, todos insatisfeitos com a República Velha, contribuiu sobremaneira para a derrocada do regime” (REVOLUÇÃO DE 30, 2004). Vargas teve o apoio do Exército e da Marinha e houve diversos focos de rebelião por todo o Brasil, chegando a São Paulo e ao Rio de Janeiro.

A Revolução de 30 movimentou o cenário nacional e também regional, pelo que se pode observar em relação a Passo Fundo, de onde partiram para a frente de combate três tropas, chefiadas pelos coronéis Quim César e Edmundo de Oliveira e pelo general João Rodrigues Menna Barreto... (MEDEIROS, 1998, P. 103)

Lutando nessa revolução, o negro e passofundense Eduardo Isaías, pai de Edy, começou a mudar a sorte de seus descendentes. Foi por destaque no Exército, nesta época, que conquistou postos mais elevados e tornou-se parte da classe média que surgia em meio aos militares. Lutou também, dois anos depois, na Revolução de 32, a Constitucionalista, a favor de Vargas e contra as elites paulistas que reclamavam por uma Constituição e definição política, já que o presidente gaúcho havia assumido em caráter provisório, dois anos antes. Novamente acontecem lutas internas e, em três meses, os “rebeldes” são dominados.

Nesta época, em Passo Fundo, Túlio Fontoura tem seu jornal, chamado A Luta, fechado por ordem do Interventor Federal Flores da Cunha, já que se posicionara a favor dos paulistas. O jornalista foi combater, inclusive, no movimento armado iniciado em Soledade, em apoio aos constitucionalistas e acabou preso e enviado ao Rio de Janeiro. De lá só voltou em meados de 1933, graças à intervenção do Presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Edy Isaías nasce em setembro de 1933.

Depois disso, a Assembléia Constituinte é estabelecida e elege oficialmente Getúlio Vargas presidente da República, em 1934. Mudanças sociais profundas começaram a partir daí. No plano político, o país passa a ser governado de forma centralizada. No plano cultural, o modernismo – arte pelo povo – passa a ser a expressão do momento em todas as artes. O rádio torna-se o veículo de integração nacional.

No plano social, as mulheres ganham o direito ao voto e movimentos operários vão surgindo. Idéias comunistas, anarquistas e socialistas começam a ganhar espaço e adeptos. Há campanhas de alfabetização sendo promovidas e o nível cultural brasileiro vai melhorando.

Em 1935, acontece, ainda, a Intentona Comunista: uma tentativa frustrada do movimento comunista de tomar o poder no Brasil e que foi massacrada pelo governo Vargas. Entretanto, a partir dos temores de uma nova tentativa de golpe comunista, Getúlio Vargas teve desculpas para o golpe que deu em 1937, esticando mais uma vez o seu mandato e estabelecendo o Estado Novo.

Em 1938 é fundado, em Passo Fundo, o Grêmio Passofundense de Letras, que acaba sendo transformado, mais tarde, na Academia Passofundense de Letras. Isso aponta para uma cidade em pleno desenvolvimento cultural, que já possuía pelo menos dois jornais diários: O Nacional (fundado em 1925 e diário desde 1933) e o Diário da Manhã (desde 1935).

### **3.2 Anos 40**

O Estado Novo entra pela década de 40 adentro. Foi a primeira ditadura que o Brasil viveu e não foi exclusividade nossa. Por esta época, ditaduras com ênfase nacionalista surgiram por todo o mundo, como por exemplo, na Alemanha Nazista (Hitler, a partir de 1933), na Itália Facista (Mussolini, 1922), na Espanha (Franco, 1936). Nesta época acontecia a 2ª Guerra Mundial e, no início, o governo brasileiro parecia se identificar com os países do Eixo. Entretanto, o desenvolvimento econômico dependia de um relacionamento com os EUA e, assim, o Brasil acabou lutando nesta Guerra ao lado dos Aliados.

Foi um período de forte censura, repressão e controle da informação. O Congresso foi fechado, líderes políticos e sindicais foram presos e os estados ganharam interventores. Um esquema de propaganda política foi montado (DIP – Deptº de Imprensa e Propaganda) e diversos jornais sofreram retaliação. Em 1945, Vargas é deposto e inicia-se uma redemocratização do país.

Nessa época começam a surgir os primeiros cursos superiores de Jornalismo, no Brasil. O primeiro na Escola Cásper Libero, em 1947 e outro na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, desde 1948, conforme Dornelles (2002, p. 13).

No ano seguinte, Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente pelo voto direto e governa até 1950.

### **3.3 Anos 50**

Getúlio Vargas volta ao poder, em 1951, pelo voto direto.

No início de 1952 começa a funcionar o primeiro curso de Jornalismo do sul do Brasil, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Porto Alegre.

Segundo Cantú, Ambros e Siqueira (1998, p. 117), “Em 1950, Passo Fundo já era pólo de desenvolvimento em termos educacionais. As instituições de 2º grau, pelo número de estudantes que comportavam, sentiam a pressão para o surgimento do ensino de 3º grau na região”.

É nessa década que se inicia a mobilização para a criação da Universidade de Passo Fundo (UPF). Organizam-se, em Passo Fundo, duas instituições mantenedoras de cursos de ensino superior: o Consórcio Universitário Católico, que implantou a Faculdade de Filosofia, com os cursos de Filosofia, Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas e a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, com o curso de Direito. A fusão dessas duas instituições resultou, na década seguinte, na UPF.

Em 54, Vargas suicida-se e, no mesmo ano, Edy Isaías vai para a capital estudar, iniciando, no ano seguinte, o seu curso de Jornalismo na PUC. No cenário nacional, assume o cargo de presidente, primeiramente o vice, Café Filho; depois o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz; e, ainda, o vice-presidente do Senado, Nereu Ramos; até que, em 1956 Juscelino Kubitschek é eleito pelo voto direto. Sua campanha se fundamentou na promessa de 50 em 5, ou seja, um crescimento de meia década em apenas cinco anos, e tinha um plano que consistia em 30 metas agrupadas em cinco setores: energia, transporte, alimentos, indústrias de base e a construção de Brasília. Em Porto Alegre, o prefeito eleito é Leonel Brizola.

Edy Isaías retorna para Passo Fundo em 1958, casa-se, inicia seu curso de Filosofia e passa a lecionar Francês em escolas estaduais da região.

Em fins da década de 50 começa a acontecer, no Rio Grande do Sul, a implantação de novas tecnologias de mecanização, sobretudo na agricultura, e há um despontar da lavoura de soja.

O reflexo social imediato desse processo de modernização do campo foi a sobra de mão-de-obra, que em Passo Fundo, como em outros municípios, passou a buscar novos meios de sobrevivência, dessa vez como mão-de-obra assalariada urbana.

A propaganda através dos meios de comunicação cada vez mais eficientes divulga os produtos, cria necessidades, amplia a faixa dos consumidores, atingindo várias classes sociais, o que possibilita o desenvolvimento industrial e comercial, surgindo mercado para a mão-de-obra vinda do campo. (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p. 121).

### **3.4 Anos 60**

Juscelino Kubitschek inaugura Brasília em Outubro de 1960 e passa o cargo para Jânio Quadros – eleito pelo voto popular – no ano seguinte. O vice de Jânio é o mesmo de Juscelino: João Goulart.

Jânio Quadros pega o país num acelerado processo de concentração de renda e inflação. Adota, então, a política do FMI, congelando salários e restringindo o crédito, o que desagradou tanto patrões quanto empregados. Acaba provocando uma crise nas Forças Armadas ao condecorar Che Guevara e tem constantes atritos com o Congresso Nacional. Então, depois de apenas oito meses de governo, Jânio renuncia à presidência da República dizendo-se “vencido pela reação”.

Na ocasião, 25 de agosto de 1961, o vice João Goulart (Jango), estava em viagem oficial à China e quem assume interinamente é o presidente da Câmara, Ranieri Mazilli. A cúpula das Forças Armadas e outros partidos tentam impedir a posse de Jango (que era ligado aos movimentos trabalhistas), pressionando o Congresso a declarar vago o cargo de Presidente e a convocar novas eleições.

No Rio Grande do Sul arma-se um movimento, liderado pelo, agora governador, Leonel Brizola, chamado Cadeia da Legalidade, para defender a posse do vice, como estava previsto na Constituição. Este movimento foi transmitido em tempo integral, direto da Rádio Gaúcha, e emissoras de todo o país aderiram, mobilizando a opinião pública a favor dos legalistas. Em novembro desse mesmo ano, Edy Isaías funda O Expresso, em



Passo Fundo. Parece ter sido nessa época que começou a se identificar com o movimento trabalhista, liderado por Brizola, ao qual acabou se filiando mais tarde.

O problema da posse de Jango foi contornado com a instituição do Parlamentarismo, através de uma emenda na Constituição. Assumiu a presidência, mas, nesse regime, os maiores poderes estão nas mãos do Primeiro-Ministro, cargo que foi ocupado, seqüencialmente, por Tancredo Neves, Francisco Brochado da Rocha e Hermes Lima, ainda durante o mandato presidencial de João Goulart. Em janeiro de 1963 um plebiscito nacional derrubou o parlamentarismo, com 80% da população querendo a volta do sistema presidencialista.

Em março de 1964, porém, um golpe militar depôs o presidente, que renuncia e pede asilo no Uruguai. O governador gaúcho, Brizola, tenta organizar uma resistência em Porto Alegre, sem êxito. Um mês depois, começam as cassações políticas. No Rio Grande do Sul, já na primeira lista caem sete deputados estaduais e um federal, cinco prefeitos e dois vereadores. O prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise, é um dos que perde o cargo e é preso.

A partir daí, temos um longo período de ditadura na história do país.

O primeiro presidente militar foi Castello Branco, que logo transformou o Congresso em Colégio Eleitoral, tornando as eleições para presidente indiretas. Logo depois, a escolha dos representantes estaduais e municipais também passa a ser indireta, associações civis e algumas universidades são fechadas. Todas essas medidas eram adotadas com base em Atos Institucionais (AIs), decretados pelo presidente. Houve intervenção em sindicatos e o Congresso ainda aprovou, sob pressão, a extinção das Ligas Camponesas; das Uniões de Estudantes (Nacional e Estaduais) e permitiu que civis fossem julgados pela justiça militar, por crimes políticos. Essa era, apenas, a primeira fase do regime. Castello Branco ficou no poder até 67, quando assumiu Costa e Silva.

Em 1966 Edy consegue transferir-se de Marau para lecionar em Passo Fundo, na Escola Cecy Leite Costa. Em setembro deste ano acontece, no centro de Porto Alegre, uma passeata de mais de dois mil estudantes contra a ditadura e, ainda, na China, inicia a “revolução cultural”, caçando os opositores do regime. Em 67, destaca-se a Guerra dos Seis Dias, no Oriente Médio e a morte de Che Guevara.

O ano seguinte, 1968, foi um ano conturbadíssimo em todo o mundo, com manifestações e repressões por toda a parte, como a Primavera de Praga na Checoslováquia e a marcha do funeral de Martin Luther King, em Nova York. No Brasil

não foi diferente: greves, conflitos com estudantes, a Passeata dos Cem Mil e o AI nº 5 aconteceram neste ano.

O Ato abrangia inúmeras medidas, algumas das quais merecem destaque: pena de morte para crimes políticos, prisão perpétua, fim das imunidades parlamentares, transferência de inúmeros poderes do Legislativo para o Executivo, etc. Mais abrangente e autoritário de todos os outros atos institucionais, o AI-5 na prática revogou os dispositivos constitucionais de 67. Reforçou os poderes discricionários do regime e concedeu ao Exército o direito de determinar medidas repressivas específicas, como decretar o recesso do Congresso, das assembleias legislativas estaduais e das Câmaras municipais. O Governo poderia censurar os meios de comunicação, eliminar as garantias de estabilidade do Poder Judiciário e suspender a aplicação do habeas-corpus em casos de crimes políticos. O Ato ainda cassou mandatos, suspendeu direitos políticos e anulou direitos individuais. (MAL. ARTHUR..., 2004)

O ano de 68 foi, também, o ano de criação da Universidade de Passo Fundo, instituição criada com caráter comunitário e filantrópico. Foi, também, quando O Expresso saiu de circulação pela primeira vez.

Em 1969, o homem chega à Lua, evento acompanhado pela TV, ao vivo, por milhares de telespectadores em todo o mundo; acontece o Festival de Música de Woodstock, que reúne mais de 400 mil jovens no Estado de Nova York e, no Rio de Janeiro, o embaixador americano, Charles Elbrick, é seqüestrado e, em troca, treze presos políticos são libertados, entre eles José Dirceu e o jornalista gaúcho Flávio Tavares.

### **3.5 Anos 70**

O regime segue “endurecido” e entra na década de 70 com presidentes militares eleitos indiretamente: Gal. Emílio Garrastazu Médici (de 1969 a 1973) e Gal. Ernesto Geisel (de 1974 a 1978).

O período de Médici ficou conhecido como “os anos negros da ditadura” porque foi quando aconteceu o maior número de desaparecimentos e torturas, por motivos políticos e quando surgiram muitos movimentos de luta armada ou guerrilha. Na economia, acontecia o “milagre econômico”, o que acabava por mascarar a repressão política.

Em 15 de março de 1974, o General Ernesto Geisel assumiu a presidência. Teve que enfrentar dificuldades econômicas e políticas que anunciavam o fim do "Milagre Econômico" e ameaçavam o Regime Militar, além dos problemas herdados de outras gestões: já no final de 1973, a dívida externa contraída para financiar as obras faraônicas do governo ultrapassava os 10 bilhões de dólares. Em 1974, a inflação chegava a 34,5% e dificultava a correção dos salários. (GAL. ERNESTO..., 2004)

Também em 1974 acontece a criação do curso profissionalizante de Redator Auxiliar, no colégio Cecy, da qual Edy Isaías participou ativamente. No mesmo ano acontece a Revolução dos Cravos, em Portugal, com o objetivo de derrubar a ditadura naquele país e a renúncia do presidente Nixon (EUA), envolvido no escândalo de Watergate e denunciado pela imprensa americana.

É no governo de Geisel que acontece, ainda, a morte do jornalista Wladimir Herzog, em 25 de outubro de 1975, no interior do DOI – Codi, órgão de repressão vinculado ao Exército. O governo declarou que havia sido suicídio.

No final do mandato de Geisel, a oposição ao regime já aumentava, mesmo assim, ele conseguiu garantir a eleição indireta de seu sucessor, mudando as regras eleitorais. Entretanto, aí começava a “distensão” do regime, com a extinção do AI 5, em 1º de janeiro de 1979.

João Baptista Figueiredo assumiu em 1979 e foi o último presidente militar.

Ainda em 1978 havia sido fundado, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, o Comitê Brasileiro pela Anistia que ganhou apoio da população. Então, logo no primeiro ano de governo Figueiredo, foi aprovada a Lei da Anistia, que perdoava os crimes políticos cometidos durante o regime militar. Assim, começaram a retornar ao Brasil os exilados, entre eles políticos, jornalistas, intelectuais, artistas e outros.

Em Passo Fundo, Edy Isaías tenta reeditar O Expresso, com ajuda de alunos do curso de Redator Auxiliar.

Nessa época a economia brasileira entrou em recessão e a consequência mais drástica foi o desemprego. A população rural continuava saindo dos campos e povoando as cidades, sem que estas tivessem o planejamento e a infra-estrutura adequados, o que provocou o crescimento das favelas.

Em fevereiro de 1979, Passo Fundo ganha destaque na imprensa nacional em função do caso Clodoaldo Teixeira, rapaz morto por policiais da Brigada Militar. Na época, o jornalista Tarso de Castro estava em Passo Fundo ajudando no jornal de sua

família (O Nacional) e foi responsável por dar fôlego ao assunto na imprensa do sudeste do país.

Em dezembro do mesmo ano, 1979, o governo promove a reforma partidária. Segundo o Ministério das Relações Exteriores:

No começo da década de 80, cinco novos partidos conseguem se firmar na arena política: PDS (partido do governo), PMDB, PT, PDT e PTB. Estes partidos disputaram, em 1982, as primeiras eleições diretas para governador desde 1965, casadas com as eleições para o Congresso e para as assembleias estaduais. Contados os votos, constatou-se que o processo eleitoral continuava praticamente bipartidário, e que a oposição elegeu dez dos 22 governadores, inclusive os de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2004)

### 3.6 Anos 80

Em 14 de maio de 1980 são inauguradas em Passo Fundo a TV Umbu e a Rádio Atlântida FM e, em 1981 realizou-se a 1ª Jornada Nacional de Literatura<sup>1</sup>.

Essa década marcou o fim da maioria das ditaduras que ainda estavam em vigor. A Argentina, por exemplo, foi às urnas em 1983.

Em novembro desse ano começa, no Brasil, o movimento que pedia eleições diretas para presidente da República: o Diretas Já.

As maiores manifestações ocorreram em São Paulo, onde em 12 de fevereiro de 1984 reuniram-se 200 mil pessoas, e no Rio de Janeiro, onde realizaram-se duas grandes manifestações: a primeira em 21 de março com 300 mil e a segunda com 1 milhão de pessoas. O movimento se espalhou por todo país. Porto Alegre foi às ruas em 13 de abril com 150 mil manifestantes e Vitória, em 18 de Abril, com 80 mil. São Paulo, um dia antes, já havia feito nova manifestação com 1,7 milhão de pessoas. O movimento ficou conhecido como Diretas-já e teve em Ulysses Guimarães seu mais popular defensor, tanto que ficou conhecido como o "Senhor Diretas" (GAL. JOÃO BATISTA..., 2004)

---

<sup>1</sup> As Jornadas de Literatura continuam a acontecer, de dois em dois anos, em Passo Fundo. São promovidas pela Universidade de Passo Fundo e, agora, são Internacionais.

“Em Passo Fundo, não foi diferente: estudantes e civis saíram às ruas em passeatas pelas eleições diretas” (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p. 130).

A emenda que continha a proposta de eleições diretas, de autoria do deputado Dante de Oliveira, foi votada em 25 de abril de 1984, mas não passou.

A partir daí, começou a corrida para as eleições, indiretas mesmo. Tancredo Neves, que era governador de MG concorreu como candidato da oposição contra Paulo Maluf, do PDS (governo). Foi eleito em 19 de janeiro de 1985 com 485 votos contra 180 de Maluf. Na véspera de sua posse, em 15 de março, foi internado em Brasília e faleceu em 21 de abril. Com isso, Tancredo Neves, seu vice, governou o Brasil pelos cinco anos seguintes, até 1990.

Seu governo foi marcado, principalmente, pela elaboração da nova Constituição e pelos planos econômicos, que mobilizaram a população nacional.

O Plano Cruzado, implantado em fevereiro de 1986, muda a moeda de cruzeiro para cruzado, congela preços, reajuste automático dos salários sempre que a inflação atingisse 20% - era o "gatilho salarial", extingue a correção monetária e cria o seguro desemprego. Embora sofresse muitas críticas, o Plano Cruzado recebeu o apoio da população. Logo depois acabaria sendo lançado no Brasil o Plano Cruzado II que reajustava os preços das tarifas públicas, do álcool, da gasolina e de uma série de outros produtos. O novo plano não contava com o apoio da população. Logo depois, tivemos o Plano Bresser, em 1987 e o Plano Verão, em 1989, que fracassaram. No plano externo o governo decreta a moratória da dívida externa. (JOSÉ SARNEY..., 2004)

Um fato importante aconteceu no mesmo ano das eleições, no interior gaúcho: oito mil colonos sem terra invadem a Fazenda Annoni, no Alto Uruguai. Esse fato foi um marco na luta pela posse da terra no Brasil.

Em Passo Fundo, de março a setembro de 85, Edy trabalhou na Secretaria Municipal de Educação e Cultura, retornando depois disso para o Cecy. Ligado ao movimento negro, foi um dos fomentadores do início do Carnaval de Rua.

Em 1986 o Congresso Nacional ganhou poderes. Seu presidente era Ulysses Guimarães e foi a primeira Constituição do Brasil que aceitou emendas propostas pela população, através de entidades associativas. A Constituição, que está em vigor até hoje, foi promulgada em outubro de 1988, contendo 245 artigos e 70 disposições transitórias. Também previu as regras das próximas eleições, que a partir daí passaram a ser diretas.

Em 1988, Edy Isaías se aposenta do magistério público, aos 55 anos.

Em 1989 cai o muro de Berlim: um marco do fim da divisão do mundo em dois (Comunista e Capitalista) e acontece o Massacre da Praça da Paz Celestial, na China, quando estudantes que manifestavam são mortos pelo Exército.

### **3.7 Anos 90**

A década de 90 inicia-se com a posse do primeiro presidente eleito pelo voto direto: Fernando Collor de Mello. Ele derrotou, em segundo turno, o ex-metalúrgico e atual presidente, Luiz Inácio “Lula” da Silva.

Ele se elegeu prometendo o fim da inflação, a moralização da política e modernização econômica, através do neoliberalismo (menor intervenção do Estado na economia e abertura econômica). Logo no primeiro dia de mandato, lançou o Plano Collor, confiscando o dinheiro das poupanças e congelando preços e salários.

Em 1991, com o plano econômico dando errado, ainda começam a circular suspeitas de uma grande rede de corrupção. A imprensa fez campanha e publicou entrevistas e provas de irregularidades. Algumas delas envolviam diretamente o presidente, que passou a ser alvo de uma mobilização nacional pedindo o seu Impeachment. Depois de confirmadas as denúncias, o Congresso, pressionado pela opinião pública, aprovou o impeachment do presidente Collor, que teve seus direitos políticos cassados por oito anos.

Com a saída de Collor antes do término do mandato, seu vice, Itamar Franco, assumiu. Durante seu governo aconteceu o plebiscito, já previsto pela Constituição de 88, para a escolha da forma (república ou monarquia constitucional) e do sistema (parlamentarista ou presidencialista) de governo no Brasil. O plebiscito aconteceu em abril de 1993 e confirmou a manutenção do regime atual: republicano e presidencialista.

No plano econômico, Fernando Henrique Cardoso é chamado para o Ministério da Economia e implanta o Plano Real durante o ano de 94 e, no final, é apoiado pelo presidente Itamar Franco para disputar as próximas eleições para presidente.

Senador, ex-chanceler e ex-ministro da Fazenda do governo Itamar Franco, FHC apresentou-se à disputa eleitoral como o idealizador do Plano Real. Seu programa de campanha foi centrado na estabilização da moeda e na reforma da Constituição. Concorreu com o apoio do governo e da aliança formada entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de centro, e o Partido da Frente Liberal (PFL), de direita. Ganhou a presidência no primeiro turno das eleições, derrotando inúmeros candidatos. O governo foi empossado em 1o. de janeiro de 1995, tendo como data para término 31 de dezembro de 1998. No entanto, sua reeleição ao final de 1998, também no 1o turno, permitiu-o permanecer no cargo até o término de 2001. Ambas as eleições tiveram como principal concorrente o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) Luiz Inácio "Lula" da Silva, de esquerda. (FERNANDO..., 2004)

Dentre as reformas propostas por Fernando Henrique estavam a quebra do monopólio do Petróleo e das telecomunicações, a reforma da Previdência e tributária. Algumas realizadas e outras ainda em discussão no governo atual.

Em 2001, FHC terminava seu segundo mandato consecutivo, tendo conseguido implantar o plano econômico considerado o mais bem sucedido de todos os tempos. Conseguiu controlar a inflação, apesar do grande aumento do desemprego.

Antes de sua morte, em agosto de 2001, o professor e jornalista Edy Isaías pôde, ainda, acompanhar fatos importantes nacionais e internacionais, como a Guerra do Golfo (1991); a queda da União Soviética, com a independência de suas antigas repúblicas (1991); a chacina do Carandiru (1992); a Conferência Ecológica Rio-92; o Tetra-campeonato de Futebol pelo Brasil (1994); a morte de Ayrton Senna e Mário Quintana (1994); a chacina de Eldorado do Carajás (1996); o primeiro clone mamífero da história: a ovelha Dolly (1997); o fenômeno El Nino que, em 97, provocou um temporal que destruiu parte de sua casa, em Passo Fundo; a vitória do PT para o governo do RS (1998); o início da polêmica dos transgênicos (1999); o lançamento do Euro: moeda da Europa (1999) e a descoberta do genoma humano (2000).

Morreu antes dos atentados de 11 de setembro de 2001, nos EUA e antes de ver um partido de esquerda (PT) chegar ao governo federal, em 2002.

#### 4. A HISTÓRIA DE UMA VIDA

A família Isaías é considerada uma das fundadoras da cidade de Passo Fundo, pois seus antepassados estavam entre os primeiros negros escravos que aqui chegaram. Hoje, são respeitados como “nobres cidadãos” de Passo Fundo, mas nem sempre foi assim...

O responsável por iniciar a ascensão social dos Isaías foi Eduardo Isaías, pai de Edy. Vindo de uma família pobre e sem muito estudo, aproveitou a oportunidade de ingressar no Exército Brasileiro na época da Revolução de 30 e fez carreira em cima de “bravuras de guerra”, que lhe garantiram postos superiores. Ao se aposentar, passou ao cargo de Capitão.



Eduardo Isaías casou-se duas vezes. No primeiro casamento, do qual ficou viúvo, teve três filhas: Zuza, Sebastiana e Tereza e, no segundo, com D. Jandira, mais três. A primeira, uma menina, chamada Maria de Lourdes, depois, o primeiro menino, Edy e, por fim um outro menino que acabou falecendo aos quatro anos de idade. Isso tornou Edy o único filho homem



desse militar, numa família de quatro irmãs mais velhas do que ele.

Fonte: Arquivo de família

Figura 1 – Eduardo e Jandira Isaías com os filhos. Edy no colo da mãe.

Desde que eram crianças, seu Eduardo costumava conversar com os filhos e aconselhá-los a estudar. Dizia: “pro negro tudo é mais difícil! Então, se o branco estuda X, o negro tem que estudar Y, tem que ir adiante, senão não consegue nada”. Apesar disso, nunca discriminava um branco, muito menos propagava o ódio racial, prova disso era que os filhos sempre puderam ter amigos de “todas as cores”, contanto que fossem “boas companhias”. Para o seu Eduardo, a maior herança que poderia deixar aos filhos era a cultura. Insistia que eles estudassem e se destacassem cultural e socialmente, praticando “boas ações”. Ele acreditava que a ascensão dos negros viria através do seu destaque cultural.

Edy Isaías, nascido em Passo Fundo, em 16 de setembro de 1933, permaneceu aqui até o início da adolescência, quando toda a família se mudou para Carazinho (cidade vizinha) por motivo de transferência do pai. Lá, a irmã se lembra de terem, pela primeira vez, sentido algum tipo de discriminação, principalmente nas escolas em que estudaram – onde foram os primeiros alunos negros – mas logo se adaptaram e adquiriram o respeito da comunidade. Edy estudou no Ginásio La Salle. Nesta mesma época começou a se interessar por leitura, talvez porque não tivesse a companhia de novos amigos, ainda. Os livros tornaram-se seus amigos. Ia até a Biblioteca e devorava todos, “principalmente os de Monteiro Lobato”, lembra a irmã. Costumava reunir a família e contar as histórias que lia nos livros. Depois, também ingressou nos Escoteiros, que acabou fundando em Passo Fundo, mais tarde, com o nome “Escoteiros do Ar Salgado Filho”, em homenagem a um dos heróis da aeronáutica brasileira. Seu nome nesse grupo era “chefe água”.

Apesar de sua inteligência ser considerada excepcional, mesmo pelos professores, não gostava muito de estudar e suas notas, durante todo o período escolar, provam isso. Nunca foi o “primeiro da turma”, estudava para passar de ano. Mas a leitura era uma paixão que aumentava. E, também, o cinema. Não perdia as matinês em Carazinho. A irmã conta que, uma vez, ele até inventou uma “máquina de projeção” utilizando um binóculo velho do pai e uma lâmpada. Ele desenhava figuras de faroeste em papel vegetal e narrava seus “filmes” para toda a família durante a noite, projetando os desenhos na parede. O pai se orgulhava, mas seu sonho era que Edy seguisse a carreira militar e estudasse, um dia, na

Academia de Agulhas Negras<sup>1</sup>, no Rio de Janeiro. Já a mãe, D. Jandira, queria ver o filho médico.

---

<sup>1</sup> A Academia Militar de Agulhas Negras, localizada em Resende-RJ. É a escola de formação de Oficiais do Exército Brasileiro.

A família voltou para Passo Fundo, onde Edy concluiu os estudos e foi servir o Exército. Passou algum tempo em Uruguaiana até que seu Eduardo conseguiu sua transferência para o Quartel em Passo Fundo. Quando chegou ao posto de terceiro-sargento, resolveu pedir baixa, no final de agosto de 1953, para estudar em Porto Alegre. Apesar de não ser o que o seu pai queria, recebeu todo o apoio de que precisou, inclusive financeiro.

Mudou-se com o amigo João Carlos Condine, que costumava chamar de “meu irmão branco”, para a capital a fim de frequentar um curso preparatório para o vestibular – na época, de Medicina, bem ao gosto da mãe. Foi nesta época que decidiu cursar Jornalismo. Quando voltou para ver os pais, contou que não havia passado em Medicina, porque decidira mudar de opção. A reação dos pais foi de surpresa e, mais uma vez, apoio ao filho. Na época, porém, o pai tentou alertá-lo: “Olha, Jornalismo, depois tem que ser dono de jornal, tem que ter dinheiro e nós não temos, a gente é pobre, nós não podemos”. Mas ele amava as palavras, o texto, os livros, a comunicação escrita. Preferiu ser “médico das letras”, lembra a esposa. Havia passado no exame vestibular da Pontifícia Universidade Católica do RS, no início do ano de 1955.

O curso de Jornalismo da PUC foi o primeiro da região sul e um dos primeiros do Brasil. Até o início da década de 50 existiam, no país, apenas dois: um na Escola Cásper Libero, mantida pela Fundação Gazeta de São Paulo, desde 1947 e outro na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, desde 1948. No ano de 1951, a Associação Riograndense de Imprensa, o Sindicato dos Jornalistas e as empresas jornalísticas pressionaram a Pontifícia Universidade Católica, em Porto Alegre, para que criasse o curso “que daria mais cultura aos profissionais da imprensa” (DORNELLES, 2002, p. 14). Foi assim que, em março de 1952 começaram as aulas com os 64 alunos aprovados naquele verão. O curso funcionou, nos primeiros anos, sob a coordenação da Faculdade de Filosofia. A primeira turma se formou em dezembro de 1954, com 47 bacharéis em Jornalismo. Segundo Dornelles (2002, p. 15), nas duas primeiras turmas do curso muitos “profissionais reconhecidos no mercado jornalístico, matricularam-se para prestigiar o Curso e incentivar os colegas a

buscarem mais cultura geral, mais conhecimentos científicos sobre a arte de escrever para a imprensa dentro da ética pessoal e social”.

Os professores nestas primeiras turmas eram das áreas jurídica, econômica ou humanas e as disciplinas estavam de acordo com o que pedia o mercado na época: “mais cultura” e não tanto técnica jornalística. O currículo contava com as seguintes disciplinas: Técnica de Jornal, Ética, História e Legislação da Imprensa, Administração de Jornal, História da Civilização, Língua Portuguesa, Geografia Humana, Literatura, Publicidade, História do Brasil, História Contemporânea, Geografia do Brasil, Dogma, Radiojornalismo, Sociologia, Economia Política, Política, Administração Pública e Apologética. Tudo isso em três anos.

Edy ingressou na segunda turma do curso, que se formou em 1957 com apenas 12 bacharéis. Entretanto, verificamos que ele não estava entre eles, já que, segundo a data de seu diploma, o título só lhe foi conferido em 15 de abril de 1959 e recebido oficialmente em março de 1960. Provavelmente porque tivesse deixado atrasar algumas cadeiras, acabou formando-se depois.



Fonte: Jornal O Expresso, 2001

Figura 2 – Formatura na PUC

Durante o tempo em que esteve em Porto Alegre, Edy “trabalhou como estagiário e foca (jornalista iniciante) nos jornais O Dia, Correio do Povo e Jornal do Comércio” (MONTEIRO, 2003, p. 52). Neste período, sempre que podia vinha ver a família e nestas vindas de fim de ano encontrava uma conhecida desde a infância: Maria de Lurdes Campos. Nascida em Santa Maria, seu pai era funcionário da Viação Férrea naquela cidade e a família da mãe era de Passo Fundo. Ela sempre vinha visitá-los nas férias de verão. As famílias eram amigas, freqüentavam o Clube Visconde do Rio Branco – uma sociedade negra, fundada desde 1916, onde aconteciam festas e outros eventos culturais. Antes de terminar a faculdade, eles começaram a namorar.

Edy voltou para Passo Fundo e casou-se com Maria de Lurdes (que veio embora de Santa Maria) em 1959. O primeiro filho do casal, Edy Isaías Júnior, nasceu em 1960; a

segunda, Eduarda Maria Isaías, nasceu dois anos depois e o terceiro, Francisco Isaías, nasceu em 1965. Depois destes, o casal ainda criou mais um filho, adotivo, Luís Antônio Araújo.



Fonte: Arquivo de Família

Figura 3 – Edy e M<sup>a</sup> de Lurdes (out/59)  
Esperavam o primeiro filho.

Logo que voltou, “iniciou o Curso de Filosofia, que funcionava junto ao Colégio Conceição, e que acabou sendo concluído na Universidade de Passo Fundo” (MONTEIRO, 2003, p. 52). Desse curso, saiu Bacharel em 1961 e Licenciado em 1963. Ingressou no magistério público estadual, lecionando francês em Erechim e, depois, foi transferido para mais perto: Marau, na Escola Estadual São Tomás de Aquino. Dessa forma, podia morar em Passo Fundo e, nos dias em que dava aula, viajava até lá.

Mesmo não estando totalmente fixo em Passo Fundo, fundou O EXPRESSO JORNAL, em novembro de 1961. Sobre esse periódico trataremos mais profundamente num capítulo à parte.

Grande parte de sua vida profissional foi mesmo “escrita” no magistério, exercido em um dos grandes colégios estaduais de Passo Fundo chamado Cecy Leite Costa, hoje Instituto. Chegou em abril de 1966, “emprestado” do colégio de Marau – finalmente se fixaria em Passo Fundo – e ali aposentou-se, em março de 1988. Nesses vinte e dois anos foi um dos responsáveis pela criação de um curso inédito na região, que acabou por unir suas duas paixões – o jornalismo e o magistério: o Curso de REDATOR AUXILIAR, do qual trataremos em um capítulo especial deste trabalho.

Nesses 22 anos, só se desligou do Cecy num período de seis meses, de março a setembro de 1985, quando trabalhou na Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Seu trabalho junto à política municipal esteve ligado, principalmente, a eventos culturais da cidade, como o Carnaval de Rua, do qual ele foi um dos maiores incentivadores e organizadores. O advogado e jornalista Meirelles Duarte conta que “ele estimulou muito o carnaval de rua, que não tinha em Passo Fundo e começou engatinhando com duas ou três

escolinhas de samba muito pequenas. Era ele que estimulava, que conclamava, que ia pras rádios congregar. E a cidade nunca deu muita importância”. Segundo a atual Secretaria de Turismo, Cultura e Desporto (SETUR), mesmo antes de ter trabalhado na Secretaria de Cultura, ainda na década de 70, Edy e a comunidade negra, através do Clube Visconde do Rio Branco, já organizavam blocos carnavalescos, que acabaram dando início ao carnaval de rua de Passo Fundo.

Era atuante no Movimento Negro. Assumiu a presidência do Clube Visconde do Rio Branco por diversas vezes e nele permaneceu em cargos de diretoria por 47 anos. Era presidente no ano em que faleceu e tentava fazer renascer o Clube. Foi, ainda, o fundador do Grupo Zumbi dos Palmares (hoje desativado), um grupo folclórico de estudo e pesquisa da tradição afro-brasileira, que se apresentava através de danças e teatros com o objetivo de resgatar e divulgar a cultura negra.

Edy Isaías foi filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e atuante. Integrava o Diretório Municipal desde 1986 e, em 95, até concorreu, como suplente, a uma das vagas para Senador da República por esse partido (MONTEIRO, 2003, p. 15). Segundo informações do Diretório, em 2000, quando seu filho Francisco foi Secretário Municipal da Saúde, pelo PMDB, Edy e a esposa se desfilaram. Logo depois, o jornalista faleceu e, mais tarde, a esposa voltou a filiar-se. Ela concorreu a um cargo de vereadora, nas eleições municipais de 2004 por esse partido.

Por sua posição como jornalista, professor, cidadão e líder negro em Passo Fundo, foi homenageado, em 1986, com a Medalha de Grau Mérito “Fagundes dos Reis”, pela Câmara Legislativa Municipal.

Durante os últimos anos de sua vida esteve pesquisando e registrando a história de Passo Fundo, sobretudo as “estórias” do povo e os contos infantis da região. Há muito deste material, uma parte apenas manuscrito, em poder da família, que até hoje não conseguiu compilar e publicar nenhuma de suas obras.

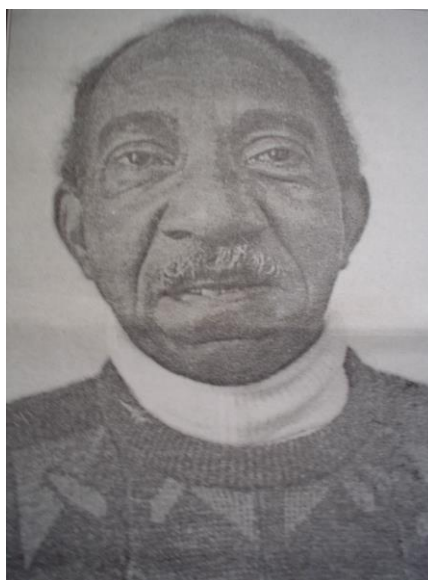
Mesmo assim, Edy Isaías ocupou, a partir de 1987, a cadeira nº 30 (cujo patrono é Machado de Assis), da Academia Passo-fundense de Letras.

No dia 15 de agosto de 2001, Edy veio a falecer. Sua morte foi uma surpresa para a família, apesar da diabetes que o acompanhava há mais de quinze anos. Morreu aos 67 anos, vítima de um aneurisma cerebral, e ainda cheio de sonhos e com grandes satisfações. A maior satisfação: ver seus ex-alunos deslançando na carreira jornalística. O maior sonho: ver O Expresso circulando novamente.

Logo após sua morte, a família e alguns amigos, ex-alunos, reativaram o jornal por alguns meses, mais modernizado tecnicamente, mas sem periodicidade fixa. Entretanto, a publicação, mais uma vez não resistiu.

Ele foi uma pessoa que marcou a história de Passo Fundo.  
Ele não foi uma pessoa que passou e não viveu. Ele viveu e marcou.  
Nunca o víamos abatido, desiludido da vida.  
Ele tinha esperança, mesmo que uma esperança vagarosa.  
Era um filósofo, um teórico e um sonhador. E como sonhava bonito!

Santina Dal Paz<sup>1</sup>



Fonte: Jornal O Expresso, 2001

Figura 4 – Edy Isaías em 2000

---

<sup>1</sup> Relato oral de Santina Rodrigues Dal Paz (2004). Ela é escritora, historiadora e membro da Academia Passofundense de Letras. Foi amiga e diretora de Edy Isaías, na Escola Cecy Leite Costa.

## 5. O EXPRESSO JORNAL

Podemos dividir a história do Expresso em três fases: a primeira, quando foi criado, que foi a mais longa – do final de 1961 até 1968; a segunda foi uma tentativa de reedição, com ajuda de alguns alunos do curso de Redator Auxiliar, por volta de 1978 e a terceira, por iniciativa de familiares e amigos, quando Edy faleceu.

### 5.1 Primeira Fase

Em 5 de novembro de 1961 Edy Isaías fundou *O Expresso Jornal*, com periodicidade semanal e nome inspirado no vespertino francês “*LE’ Express*”. A firma jornalística, com o nome “Tipografia Expresso Jornal Ltda”, entretanto, só foi devidamente registrada em 1967, como firma individual de responsabilidade limitada, para exploração de serviços gráficos e edição de periódico (ver anexo H).

Como Passo Fundo contava, nessa época, com dois grandes jornais diários, o Diário da Manhã (fundado em 1935) e O Nacional (desde 1925), que já eram jornais tradicionais, antigos e consolidados, Edy sabia que tinha que fazer um jornal diferente. Dessa forma, produziu uma linguagem mais simples, interpretativa e acessível e, por isso, acabou atingindo um público de classe social mais baixa. Alguns crêem que O Expresso foi o primeiro deste gênero em Passo Fundo.

Marcou o início de um jornalismo [...] diferente do que era feito tradicionalmente, onde o povo não tinha muita vez, a não ser nas colunas de

polícia. O professor Edy não, ele começou a botar... O povo lá da vila tinha vez. Os jornais daqui só faziam cobertura de Gaúcho e, na época, 14 de julho (nem era Passo Fundo ainda). E ele ia lá fazer a cobertura do futebol amador. O jornal dele tinha bastante venda por quê? Porque tu achas que botando a foto do timizinho lá da vila, de 11 caras, no outro dia não vai estar todo mundo lá comprando o jornal dele, pra ver a foto deles ali no jornal? Então, ele tinha essa visão. Acho que ele marcou uma época! Era um jornal popular. ( relato oral de Acácio Silva, 16/09/04 – anexo C).

Tinha os dois jornais daqui, que detinham o controle, os dois grandes jornais, Diário da Manhã e O Nacional, que detinham o controle da mídia escrita. Porque eles tinham mais elementos, já eram muito mais antigos. E o Edy foi um pioneiro numa tentativa de romper esse processo. O jornal dele tinha uma circulação muito resumida e tinha um outro problema grave: [...] ele não conseguia romper, acabar com seu problema financeiro e aumentar o seu jornal. Ele sonhava com isso, que podia amanhã ou depois ter uma máquina, uma linotipo, uma impressora, [...] mas ele era um idealista neste aspecto, porque ele punha o dinheiro do seu salário, que ele ganhava como professor, pra poder circular o jornal e alguma publicidade muito barata, muito pouquinho que ele conseguia angariar. (relato oral de Argeu Santarém, 29/09/2004 – anexo A).

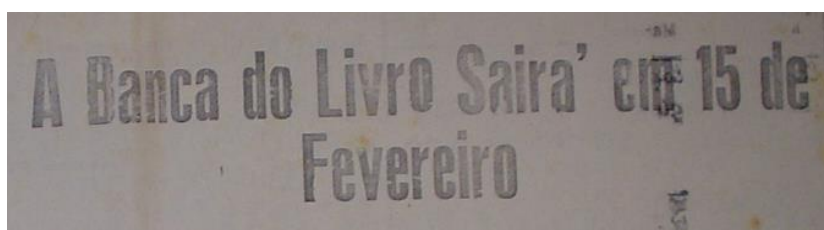
Visualmente, O Expresso era muito precário, devido à técnica de impressão empregada, que já era ultrapassada, até mesmo para a época. Ele ainda utilizava a prensa de tipos móveis – impressão tipográfica. Além disso, era uma produção totalmente manual e que contava com a participação e ajuda de toda família e uns poucos auxiliares remunerados, alguns ainda adolescentes, como era o caso de Osmar Giarollo, que trabalhou na pequena gráfica improvisada nos fundos da casa dos Isaías por volta de seus 13 anos de idade.

Os outros jornais já tinham linotipo, mas o Edy Isaías, por não ter recursos financeiros, ainda não. Era tudo feito a dedo, como se dizia. Trabalhávamos em três e mais ele, que dirigia [...] Eu lembro bem o funcionamento. Ele tinha uma máquina manual, uma máquina que tinha que colocar o papel à mão, pedalar e ela funcionava com correias e prensava onde estavam colocadas as matrizes, pra poder sair o jornal. Era um processo muito lento. Enquanto o Diário da Manhã e O Nacional já possuíam uma máquina semi-automática, que também o papel era colocado à mão, mas era por energia elétrica, eu me lembro que a gente funcionava a máquina no pé e depois tinha uma manivela pra dar mais força quando batia e prensava no papel. Era muito antigo o processo. Tudo manual. (relato oral de Osmar Giarollo, 25/09/04 – anexo D)

Na primeira metade dos anos 60, ele iniciou com seu jornal O Expresso, que era um jornalzinho feito numa oficina em sua própria casa, com auxílio de uma ou duas pessoas, era todo na tipografia, não tinha a mínima tecnologia que tem hoje... Era uma tipografia antiga, letra por letra, devia se buscar com uma pinça na caixa de letras pra formar uma frase, depois colocar isso na prensa e da prensa pra impressora. (Argeu Santarém).



Além disso, o material era comprado de segunda mão e, geralmente, já estava muito velho e gasto. A própria impressora e os tipos (letras) eram velhos e, às vezes, até insuficientes para montar os textos. Prova disso é que, a edição do Expresso, de 30 de janeiro de 1967, que encontra-se no Arquivo Histórico Regional, apresenta uma completa mistura de tipos de letras ou improvisos, como o uso de “0” (zero) no lugar da letra “o” ou vírgulas invertidas e apóstrofes usadas como acentos. O depoimento de Giarollo comprova isso: “... nós tínhamos falta de letras, então, em textos em que ia bastante acento ou faltavam letras, a gente improvisava”.



Fonte: Arquivo Histórico Regional – Foto: Leonardo Baggio

Figura 5 - Edição de O Expresso, 30 jan 1967  
Ex. de improvisação no acento da palavra “sairá”.



Fonte: foto de Fabíola Frosi

Figura 6 – Exemplos de tipos móveis



Fonte: foto de Fabíola Frosi

Figura 7 – Exemplos de clichês  
(na época, eram feitos de madeira)

Na primeira fase, ainda não se utilizavam fotos, apenas clichês – desenhos que padronizavam seções, editoriais e colunas. As manchetes do Expresso eram em tamanho bastante grande e, às vezes, “apelativas” ou com certo humor.



Fonte: AHR – foto de Leo Baggio

Figura 8 – Capa da Edição de O Expresso, 30 jan 1967

Manchete: “Vereadores Salvos” sobre a lei que cortou o salário de vereadores da maioria dos municípios gaúchos. Passo Fundo era um dos nove em que os vereadores continuavam a receber. “Estavam salvos”.

Nota-se certo humor na manchete.



Fonte: AHR – Foto de Leo Baggio

Figura 9 – Página da Seção de Esportes, 30 jan 1967

Segundo Meirelles Duarte, uma das editorias de maior destaque era a de Esportes. Edy convidava para escreverem sobre o assunto, diversos comentaristas que já trabalhavam nesta área do jornalismo na cidade, inclusive o próprio Meirelles, que disse ter participado em diversas edições.

O esporte era forte, eu tinha uma página inteira, com clichês. Naquele tempo tinha que se fazer clichês, que se transformavam na fotografia do jornal. [...] O Expresso era um pouco sensacionalista. Ele fazia de um fato quase corriqueiro, ele dava um aspecto, dava uma manchete de sensação. (relato oral de Meirelles Duarte, em 30/09/2004 – anexo B).

Edy assinava uma coluna chamada Palestra Informal, que era uma espécie de editorial do Expresso onde o jornalista “manifestava de forma sempre contundente a opinião média sobre os assuntos mais momentosos” (O EXPRESSO, 2001).

Essa primeira fase se entendeu, também, por um período difícil da História Brasileira, um período em que, sobretudo os meios de comunicação, foram censurados: o período de Ditadura Militar. Edy era a favor da liberdade de imprensa e da democracia e expressava sua opinião nas rodas de amigos e até mesmo em sala de aula, mas, como dono

de jornal, procurava manter-se isento, o que lhe custou algumas críticas por parte de colegas, na época.

É, era uma época difícil, mas o Edy, realmente, ele era oficialista. Ele tinha muito receio de criticar o governo no jornal, embora, particularmente, ele manifestasse sua opinião contra o regime. Mas daí à sua posição como dono do jornal era totalmente diferente. Apesar que, diga-se de passagem, os demais jornais daqui também tinham muita preocupação, os jornais grandes, não era só o Edy. Embora os jornais grandes tivessem uma autonomia maior, tinham mais poder político, mais poder de fogo pra poder criticar algumas coisas, principalmente as coisas que ocorriam aqui dentro das nossas barbas, como a gente dizia. (Argeu Santarém).

“Ele sempre foi contra a ditadura e sempre criticava, principalmente a censura à imprensa [...] ele sempre foi um cara democrático, sempre condenou essa questão da ditadura”. (Acácio Silva).

Meirelles Duarte concorda que Isaías era ponderado quanto ao posicionamento político no jornal: “O jornal não tinha tendência política nenhuma. Era de livre circulação e dava as notícias [...] Tinha um princípio de não atacar ninguém, de não criticar ninguém, nem os governantes do município. Uma postura muito decente, muito correta”.

Para Argeu Santarém:

Essa posição do Edy não surpreende, porque a época era muito difícil, realmente era uma época muito difícil... o Edy já não era um jovem estudante, um jovem recém-formado. Ele já era um homem calejado, já tinha família, tinha dificuldade de sustentar o jornal. Era funcionário público e poderia perder até o seu título de professor, porque naquele tempo ninguém perdoava ninguém. (relato oral).

Um das reportagens desta fase que causou maior repercussão foi a cobertura de um dos atritos ocorridos entre trabalhadores sem terra e grandes proprietários, que aconteceu no município de Nonoai (próximo a Passo Fundo), em 1964, poucos dias antes do golpe militar.

No começo da década de 60 a região de Nonoai e Sarandi foi palco de inúmeras ocupações de terras feitas pelo MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra), que era apoiada pelo então Prefeito de Nonoai, Jair de Moura Calixto, do velho PTB [...] Calixto, posteriormente foi conduzido para a SUPRA<sup>1</sup>, no governo de João Goulart (PTB) quando a luta pela reforma agrária expandia-se por todo país. Em março de 64, inúmeras escaramuças verificaram-se na região de Nonoai entre os sem terras apoiados por Calixto e grandes fazendeiros, ocasião em que o professor Edy, numa velha Rural, foi conferir de perto o que estava acontecendo naquela região. (O EXPRESSO, 2001).

Segundo edição especial do Expresso (2001), na época, Edy Isaías conseguiu entrevistar com exclusividade o líder da SUPRA. Alguns dias depois, porém, quando aconteceu o Golpe Militar, o jornalista teve que dar explicações às autoridades militares locais sobre a entrevista realizada em Nonoai. “Naquela época, dizia o professor Isaías, qualquer jornalista, fosse brizolista ou não, era considerado suspeito pelo regime militar. No entanto, ‘fiz o meu trabalho de jornalista, pois O Expresso sempre teve o compromisso com a verdade acima de tudo.’” (O EXPRESSO, 2001).

Em 1968 o jornal parou de circular, mas, apesar de se tratar da época do endurecimento da ditadura, o motivo principal que levou ao seu fechamento foi mesmo a questão financeira, como lembra Acácio Silva: “...ele sempre contava pra gente que o jornal tinha terminado mesmo por falta de recursos. Não teve como tocar, parou e passou o resto da vida dele sempre tentando voltar”.

Não foi, na verdade, um fim. Para Edy era só um tempo, por isso continuou lutando para colocar O Expresso de volta em circulação.

## 5.2 Segunda Fase

O sonho de ver o jornal sendo editado novamente se concretizou em maio de 1978, dez anos depois de ter saído de circulação. Dessa vez, contou com a ajuda de alunos do curso de Redator Auxiliar, do Colégio Cecy (que abordaremos no próximo capítulo). Foi uma ressurreição muito curta, que durou menos de dois anos (entre 78 e 80).

---

<sup>1</sup> Superintendência da Política de Reforma Agrária, que promoveu a desapropriação de terras no governo Jango. Por alguns, foi considerada uma “entidade comunista”.

Nessa época tinha até uma equipe boa de estudantes lá, prontos pra ajudar. Mas daí não tinha condições... o maquinário não ajudava. Até ele comprou uma máquina, uma impressora plana, mas era de 1945, do tempo da 2ª Guerra. Chegou aqui e não deu, não funcionou. Ah, quando chegou a máquina nós ficamos todos entusiasmados 'bah, chegou a máquina!'. Mas daí não deu, não deu pra tirar [...] Fomos todos na oficina dele, aqui, mas daí a máquina não deu... daí nós fomos tirar em [...] Carazinho. Ficamos lá dois dias trabalhando direto numa graficazinha, só comendo sanduíche e água pra tirar o jornalzinho, o primeiro que nós tiramos nessa etapa com os alunos. (Acácio Silva).

A família tem um número desta fase, que provavelmente fosse considerado o zero ou apenas uma propaganda do retorno do Expresso. São quatro páginas em formato tablóide, em papel jornal, com fotos e ilustrações muito precárias, inclusive com algumas feitas à mão. Uma novidade é a cor (verde) na capa. Esta diz: “O Expresso Jornal – Afinal, o grande momento – para fazer o seu fim de semana mais completo”. O conteúdo anuncia “Adivinhe quem vem” e lança: “colunas variadas e atualizadas, sociedade, política, economia, diversos”. Na contra-capa “Jornal O Expresso – informação e debate. Leia, assine e colecion”. E, ainda, dá o destaque: “Todos os esportes”, com quatro fotos pequenas de esportistas da época. Foi utilizada diagramação manual para montar esse jornal.

Esta fase também acabou por falta de recursos, não humanos, mas técnicos e financeiros. Era um jornal feito de forma amadora, para aprendizado dos estudantes, mais com o coração e com a paixão do que com planejamento e administração, como nos relata Meirelles Duarte:

Era feito mais por um capricho do Edy, não tinha aquele objetivo comercial, de anúncios. Todo o gasto de papel e impressoras era tudo sustentado por ele. Então, não ia sobreviver muito [...] Diante dos outros jornais ele era muito pequeno, de pouquíssima expressão. [...] Era um jornal mais pros estudantes. O próprio Edy reconhecia que era muito limitado, não tinha ambição de desbancar os grandes jornais. Começa que os dois são diários e o dele, era pra ser semanal, mas às vezes saía quinzenal e assim por diante. (relato oral).

### 5.3 Terceira Fase

No início deste ano [2001], finalmente após muito tempo os fatos nos levavam para o inevitável retorno de O Expresso, a edição que daria início a esta nova etapa ficou pronta no final de março, e circularia nos primeiros dias de abril, mas infelizmente problemas de saúde debilitaram o seu grande batalhador, e mais uma vez adiou-se por algum tempo este retorno, quis a fatalidade, que este adiamento viria por culminar com o agravamento do estado de saúde do Prof. Isaías; que culminou com o seu falecimento, no dia 15 de agosto deste ano. (O EXPRESSO, 2001).

Este trecho é parte do editorial da primeira edição do Expresso, nesta terceira fase. Como Edy Isaías havia passado a vida toda tentando reeditar O Expresso, os familiares, ajudados por alguns ex-alunos, decidiram produzir um número em homenagem a ele, em outubro de 2001, dois meses após sua morte. Esse primeiro apresentou uma biografia do jornalista, em forma de textos escritos por colegas, ex-alunos e familiares e fotos de todas as fases de sua vida. Depois disso, o jornal continuou circulando por pelo menos um ano, mas sem periodicidade fixa. Por esse motivo, seu conteúdo não era tão factual. Apresentava problemas dos bairros; denúncias; entrevistas com pessoas comuns da cidade; esportes pouco destacados na época, como o skate e o futebol amador; divulgação do Carnaval de Rua; notícias de eventos da comunidade negra e outros assuntos que não ganhavam, normalmente, destaque nos demais jornais da cidade.

Esta fase terminou, como as outras, por falta de recursos e, também, por necessidade de um projeto empresarial para o jornal, que o fizesse competir de igual para igual com as demais empresas jornalísticas da região.

A família, entretanto, é detentora da marca registrada por Edy (ver anexo I), em novembro de 1969: “O Expresso Jornal” e, segundo a esposa, esse sonho, de ver o jornal circulando, ainda não morreu.

Para Meirelles Duarte, apesar do Expresso não ter permanecido, muitos profissionais foram revelados: “Ele revelou grandes jornalistas, como o Décio Ilha, sabia? Que se tornou o maior cronista social da cidade. Foi levado pelo Edy para o jornal O Expresso e, do jornal O Expresso, causou curiosidade e admiração e terminou no Nacional, onde ele fez fama...”. Décio Ilha foi um dos colunistas sociais de maior destaque no jornalismo passofundense. Como ele, outros comunicadores também ganharam destaque através do trabalho que realizaram com Edy no Expresso e, dali, alçaram vãos maiores.

O último texto escrito por Edy Isaías para O Expresso, no dia 3 agosto de 2001 – doze dias antes de falecer – foi publicado na edição especial de outubro de 2001, numa coluna intitulada “Palestra Informal”, relembrando sua coluna opinativa nos primeiros anos do jornal. Em dezembro de 2003, o texto foi publicado, também, no nº 0 da Revista “Água da Fonte” da Academia Passo-fundense de Letras, em uma matéria de homenagem ao jornalista, que também era acadêmico.

#### SE VOCÊ ... QUISER SER...

Nós estávamos falando – ser político em Passo Fundo é uma façanha de herói. O sujeito que fizer política aqui, pode fazer em qualquer lugar do mundo, que tira nota dez e com louvor. Aqui o sujeito enfrenta tudo e todas as nuances da política. Aqui em muitas ocasiões os adversários ficam procurando defeitos para jogar em cima do outro. O sujeito sai candidato e já tem de se preparar, porque vem chumbo e chumbo grosso. Aqui normalmente se procura o sujeito por seus erros, não por suas virtudes.

Mas, apesar de tudo, o político tem que ter um perfil que já vou descrever mais ou menos como deve ser. Deve em primeiro lugar ser muito esperto e inteligente. Pode até ter cara de bocó, mas isto é só para enganar a torcida. Tem de ser de uma grande, uma imensa humildade. Mas que essa humildade não chegue a ponto de se humilhar. Deve ser rápido de raciocínio, mas não louco; deve ser muito e muito original, criativo, dinâmico. Deve ser de sorriso fácil, mas não de andar se arreganhando por qualquer coisinha. Deve ter um jeitão de galã, sem contudo sê-lo. E, sobretudo deve conhecer uma porção de gente, dando até para chamá-los pelo nome. Isto pega que é uma maravilha. Enfim, deve ser um sujeito muito conhecido em todas as rodas, ser popular, não vulgar, e entender das coisas, de todas as coisas, entrar e sair das conversas como faca na manteiga. E ser um herói também, sem necessariamente sê-lo. Afinal, beber todo esse coquetel de coisas e digeri-las com um suave sorriso na face. Só isso.

Edy Isaías (2001)

## 6. O MAGISTÉRIO E O REDATOR AUXILIAR

Edy Isaías atuou em uma época em que não se exigia a formação acadêmica para o exercício da profissão de jornalista. Se, até hoje a validade do diploma é questionada, naquele tempo de poucas Faculdades e, numa cidade do interior, mais ainda. Mesmo assim – e esse foi um de seus destaques – ele saiu de Passo Fundo para estudar em Porto Alegre, na segunda turma do primeiro curso de Jornalismo do sul do Brasil, formando-se em 1960 e acabou se tornando o primeiro jornalista – com diploma universitário – nesta região do Estado e, também, o primeiro negro na profissão. Meirelles Duarte afirma: “A maior realização do Edy Isaías começa que ele foi o único jornalista diplomado que residia em Passo Fundo. Nós todos somos jornalistas feitos no sacrifício e na luta diária, feitos ‘à facção’, não dispomos de diplomas nem de cursos de Jornalismo...”

Desde aquela época, entretanto, ser jornalista não era sinônimo de riqueza. Muito pelo contrário, sempre significou uma ocupação de apaixonados pelo ofício em si e não pelo benefício financeiro que ele traz, já que, normalmente, não enriquece ninguém.

Edy sabia disso. Mesmo avisado pelo pai, seu Eduardo, de que teria que “ter dinheiro” para ser um dono de jornal – o que não tinham – decidiu pela carreira jornalística. Ao término da faculdade, porém, e às portas do casamento com Maria de Lurdes, resolveu conciliar a carreira do magistério com a do jornalismo.

Segundo a esposa, foi o amigo João Carlos Condine que sugeriu “vamos ser professores para poder nos sustentar”. A idéia era fazer o que gostavam, mas que não os sustentaria financeiramente e ter o magistério público estadual como fonte de renda estável.

Entretanto, ser professor tornou-se uma segunda paixão na vida de Edy, a qual dedicou mais tempo de sua vida do que ao Jornalismo propriamente dito, e que lhe trouxe grandes realizações.

Assim que voltou para Passo Fundo em 1959, ingressou no curso de Filosofia e foi admitido no magistério estadual. Começou a lecionar Francês em Erechim, primeiramente.



Seu objetivo era ser transferido para Passo Fundo ou, pelo menos para mais perto. Logo estava lecionando na Escola Estadual São Tomás de Aquino, em Marau. Somente em abril de 1966 conseguiu vir, em caráter provisório, para Passo Fundo, para ser professor em um novo ginásio, recém-criado, chamado Cecy Leite Costa. E não voltou mais, mesmo tendo sua transferência oficializada somente em 1980. A responsável pela sua mudança para o Cecy, primeiramente provisória, foi a amiga e, na época, diretora, Santina Dal Paz:

Ele precisava vir para Passo Fundo e estava em Marau (...) eu consegui, pela Secretaria de Educação que ele ficasse professor substituto, já que eu não tinha o Francês no meu currículo, no currículo da Escola. Então, faltava um professor de Português, ele ia lá e dava Português e ele era bom no Português. Faltava um professor de História, ele ia lá e dava História e era bom em História. Faltava um professor de Matemática ou de qualquer outra disciplina e ele ia lá e não tinha problema; e se ele não soubesse dar continuidade da programação do professor, ele arranjava um assunto interessante que pudesse estar com alunos atentos, que não fizessem bagunça. E as aulas dele não tinham nenhum problema de disciplina porque ele trazia assuntos bem interessantes pros alunos. (relato oral de Santina Dal Paz, em 22/09/2004 – anexo E).

No início, ele veio oficialmente como professor de Francês, mas, no Cecy, não era professor de uma disciplina específica. Ficou como professor substituto até o início da década de 1970, quando foi solicitado a todas as Escolas Estaduais que desenvolvessem projetos de cursos profissionalizantes conforme a necessidade de seus próprios municípios. Com isso, a figura de Edy tornou-se o pivô de um dos projetos apresentados para a Secretaria Estadual de Educação e Cultura: o projeto do curso de Redator Auxiliar, conforme lembrança da professora Santina: “Como ele era jornalista, então aproveitaram a pessoa dele, que já estava lá, e montaram esse projeto”.

Para Edy, que amava o Jornalismo e o Magistério, significou unir duas paixões e realizar-se em ambas. Meirelles Duarte acredita que Edy quis disponibilizar a outros jovens a oportunidade que teve ao cursar a Universidade: “...e ele, então, como detentor desse diploma, desse curso, quis dar às novas gerações ou transmitir a elas o seu conhecimento e estimular a prática do Jornalismo”.

O projeto foi aprovado pela Secretaria de Educação e Cultura, através da portaria nº 005972, publicada no Diário Oficial, em 27 de Fevereiro de 1974. Segundo documentos encontrados na Escola, o Curso de Redator Auxiliar era apresentado aos candidatos da seguinte forma:

## REDATOR AUXILIAR

## 1. Habilitação:

- Plena
- Nível Técnico
- Área Terciária

## 2. O que faz:

- Auxilia o profissional de nível superior na função de:
  - Informar
  - Interpretar
  - Orientar
  - Entreter

Fazendo com que chegue ao leitor, ouvinte ou espectador (cinema, televisão) além da notícia de um fato, de um acontecimento ou de uma teoria; também explicações, interpretações, material de base, orientados no sentido de ajudar o indivíduo a compreender o que lê, ouve ou vê.

- Busca a informação
- Redige
- Revisa
- Arquiva

## 3. Onde Trabalha:

- Trabalha em jornais, revistas, rádios, cinema e televisão (empresas particulares e órgãos do governo)
- Em jornais, por exemplo, pode trabalhar, se não houver profissional habilitado em nível superior
  - Na redação, como diretor responsável pelo funcionamento do órgão e da parte editorial, como redator-chefe executando a política informativa do jornal, o controle do noticiário e outras matérias para publicação, como secretário, como redator responsável por uma seção, como chefe de reportagem, como repórter setorista e de reportagem geral
  - No departamento de Publicidade
  - No departamento de Promoções e Relações Públicas
  - No departamento de Circulação e Expedição
  - Na Gerência e na Oficina

Quanto ao currículo, contava com matérias da educação geral, e mais as de formação especial, dispostas em três anos, da seguinte forma:

<u>Disciplinas</u>	1º	2º	3º	Total
<b>EDUCAÇÃO GERAL</b>				
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	3	3	-	192
História	-	1	-	32
Geografia	1	-	-	32
O.S.P.B.	-	1	-	32
Matemática	3	2	3	256
Ciências Físicas e Biológicas	4	-	3	224
Educação Artística	1	-	-	32
Educação Física	3	3	3	288
Educação Moral e Cívica	1	-	-	32
Educação Religiosa	1	-	-	32
Programas de Saúde	1	-	-	32
<u>Sub-total</u>	18	10	9	1184
<b>FORMAÇÃO ESPECIAL</b>				
Língua Inglesa	-	1	2	96
Língua Francesa	-	1	1	64

Estudos Riograndenses		1	-	-	32
Filosofia	-	1	-	-	32
Sociologia	1	-	-	-	32
Mecanografia	-	-	2	-	64
História dos Meios de Comunicação	2	-	-	-	64
Teoria e Técnica da Comunicação	2	2	2	-	192
Redação e Edição	-	5	5	-	320
Problemas Sociais Econômicos Contemporâneos	-	3	3	-	192
Psicologia das Relações Humanas e Ética	-	2	3	-	160
<u>Sub-total</u>	6	15	18	-	1248
Total	24	25	27	-	2432

Edy Isaías, que a partir de 1975 tem sua disciplina oficial alterada de Francês para História e, no ano seguinte, acrescenta Filosofia, continua lecionando disciplinas tanto do currículo geral, como Francês, Filosofia, História, quanto da formação especial, como Teoria e Técnica da Comunicação (TTC) e História dos Meios de Comunicação (HMC). Seu ex-aluno, Algemar França, descreveu seu papel no curso e suas aulas da seguinte forma:

O Redator, na verdade, era o professor Edy, já que o curso tinha seu estilo e liderança. As aulas do professor eram diferentes das demais, por serem mais alegres, participativas e recheadas de piadas. No começo da década de 80, este tipo de aula não era nada comum, já que o país vivia os tempos da Ditadura Militar. [...] O professor Edy nos dizia que o Cecy Leite Costa não era uma escola de segundo grau, era muito mais que isso, sendo uma verdadeira Universidade, pela qualidade de seus professores e o brilhantismo de seus alunos. (O EXPRESSO, 2001).

A escola procurava auxiliar os candidatos ao “2º grau” na escolha da Habilitação que melhor se adequava ao seu perfil e habilidades pessoais. Por isso, um folheto contendo informações para auto-avaliação de interesses, aptidões e personalidade foi elaborado na década de 80 (e apresentamos sua transcrição a seguir). Nele podemos perceber a ênfase que a coordenação do Redator Auxiliar dava na formação de profissionais de comunicação que fossem completos, sobretudo no aspecto humano:

#### INTERESSES:

- Interesses literários e lingüísticos, gostar de ler, escrever, falar, disposição para o estudo de línguas e literatura.
- Interesse persuasivo, gostar de transmitir idéias, relacionar-se com o público, de influências pessoais, convencer os outros daquilo que se considera a verdade.
- Interesses de contato com pessoas
- Interesses assistenciais

#### APTIDÕES E HABILIDADES:

- Inteligência geral (capacidade de juízo, raciocínio, de estabelecer abstrações simbólicas, de análise, síntese, crítica, de generalização e discriminação).
- Aptidão abstrata, capacidade para descobrir relações e para raciocinar através de símbolos, transformando-os em dados operativos, aptidão para lidar com idéias.
- Aptidão verbal, facilidade para raciocinar com base em relações de sentido entre símbolos verbais, para interpretar o significado do que as palavras expressam e para usar correta e facilmente as palavras.
- Aptidão artístico-literária, facilidade para perceber a beleza estética baseada nas formas verbais de manifestação do pensamento, como para falar e escrever artisticamente.
- Fluência Verbal
- Rapidez de leitura e escrita
- Riqueza de Vocabulário
- Precisão de expressão
- Facilidade para redigir, ler, traduzir, copiar, discursar, falar.
- Capacidade de comunicação (participação ou transmissão de informações).
- Atenção dinâmica
- Memória auditiva
- Agilidade física, facilidade de movimentação.
- Boa dicção e impostação de voz
- Audição e visão bem desenvolvidas

#### TRAÇOS DE PERSONALIDADE:

- Pontualidade
- Criatividade
- Extroversão
- Intuição
- Curiosidade
- Agressividade controlada
- Cortesia
- Perseverança
- Honestidade
- Sociabilidade
- Liderança
- Responsabilidade
- Iniciativa

É unanimidade entre as fontes que a maior realização de Edy Isaías está na formação e na revelação de jovens talentos no rádio e na mídia impressa passo-fundense, sobretudo através do Curso Técnico de Redator Auxiliar, do Colégio Cecy Leite Costa.

“Surgiu um punhado de grandes jornalistas lá da Escola Cecy Leite Costa, onde ele lecionou [...] Ele revelou grandes jornalistas...”. (Meirelles Duarte).

O grande mérito do Edy foi o trabalho que ele fez nos anos 70, que ele conseguiu esse curso que era inédito em Passo Fundo e eu acho que raríssimo em todo o Rio Grande do Sul, um curso de Redator Auxiliar [...] muitas pessoas que vieram para as redações, assumiram sua posição e estão até hoje nas redações, foram alunos do Edy [...] era apenas uma tendência que cada um deles tinha para o Jornalismo e que o Edy conseguia filtrar, e sob, sempre, a orientação dele é que a gente chamava um ou outro pra fazer uma espécie de estágio no jornal [...] Esse trabalho do Edy, esse comprometimento do Edy, é algo que o jornalismo de

Passo Fundo tem que reconhecer como de grande mérito, e eu reconheço. (Argeu Santarém).

Sempre que ele via um pessoal que se destacava, que tinha o “dom pra coisa”, ele pegava e apresentava pra trabalhar em jornal, ou rádio. Ele procurava encaminhar as pessoas. Várias e várias pessoas. Um dos primeiros que eu conheci que ele encaminhou foi o Jorge Rosa que era repórter policial do Diário da Manhã (depois, ele foi trabalhar em Chapecó e morreu num acidente). Flávio Damiani, que hoje é assessor de imprensa do Ministério da Justiça em Porto Alegre. Teve várias pessoas que ele encaminhou. Tem o Carlos Alberto Fonseca que está no Diário da Manhã. O Rogério Silva, do Diário da Manhã. A Zulmara Colussi, do Diário da Manhã também. Eu, na Uirapuru. (Acácio Silva).

Foram alguns desses alunos que participaram da segunda fase do Expresso. Edy fez dessa atividade como um estágio para eles e dali, depois, os encaminhou a outros veículos onde pudessem ter mais sucesso, conforme a entrevista do ex-aluno Carlos Alberto Simões ao Jornal O Redator (do Cecy) em maio de 1985 – na época Edy estava na Secretaria Municipal de Cultura e Simões era o professor das matérias TTC, HMC e Mecanografia.

Há dez anos atrás, quando se formou a primeira turma do Redator Auxiliar, as condições de trabalho eram precárias. Na época nos propusemos a trabalhar com a ajuda do professor Edy Isaías – já que a escola não nos proporcionava este treinamento – que oferecendo, assim, sua oficina para mim e Carlos Alberto Fonseca, pudéssemos adquirir conhecimentos mais amplos. (O REDATOR, 1985, p. 6)

O curso de Redator Auxiliar, e o próprio Cecy, na época, se destacavam pela intensa atividade cultural. Concursos de Oratória e Declamação eram realizados, formação de grupos de teatro para participação em festivais e a confecção de um jornal chamado O REDATOR, que funcionava como órgão de divulgação da Escola e como atividade prática do curso. O primeiro número saiu em abril de 1978, depois que a primeira turma já tinha sido formada, e foi ativo pelo menos até 1985. O jornal, que era impresso em gráficas particulares, saía em formato tablete (32x23cm), com impressão preta, em papel sulfite branco e tinha, em média, 12 páginas, com muitas fotos e capa trabalhada, geralmente com foto maior ou sobreposições. Continha editorial, expediente, colunas de opinião, charges, reportagens com assuntos de interesse interno, entrevistas, cobertura dos eventos do colégio, e tudo feito exclusivamente pelos alunos, com a supervisão dos professores de Português.

Fonte: Arquivo da Escola



Figuras 10, 11 e 12 – capas do jornal O Redator (à esquerda: o nº 1)

O 1º Concurso de Declamação e Oratória aconteceu em 1980, em comemoração aos quinze anos da escola e continuou a acontecer nos anos seguintes, por iniciativa das professoras de Língua Portuguesa. Além disso, o Redator Auxiliar promovia anualmente um encontro dos alunos com profissionais de comunicação da cidade. O primeiro “Painel” aconteceu no dia 5 de maio – Dia das Comunicações – de 1976. A professora Tânia Rosing, que era professora do Cecy nesta época, foi uma das organizadoras do evento que contou com palestrantes como o jornalista Helio Freitag, na época diretor do Diário da Manhã, falando sobre a organização e importância da imprensa escrita no país; e Ely Carvalho Rossetto e Otelo Ribeiro, representantes da Empresa de Correios e Telégrafos, para falar de comunicação telegráfica<sup>1</sup> – tecnologia que estava em pleno uso, naquela época.

<sup>1</sup> Comunicação Telegráfica: primeiro o telégrafo elétrico, desenvolvido por Samuel Morse, e depois o Telégrafo Wireless, de Marconi (esse já sem fio), significaram uma revolução nas comunicações, porque permitiam que as notícias chegassem em “tempo real” a qualquer ponto do planeta. Antes dos computadores chegarem às redações, essa era a forma de recepção mais moderna das informações (fora, é claro, o telefone).

Em edições posteriores, como no ano de 1983, ex-alunos do curso (Zulmara Colussi e Acácio Silva) voltaram ao Cecy para contarem sua trajetória e responderem aos questionamentos dos estudantes.



Redator, out/nov 1983

Fonte: O

Figura 13 – Foto do Painel de 83, no Cecy  
Nota-se Edy bem ao centro da mesa

Na edição do Redator, de outubro/novembro de 1983, o editorial intitulado “Lei 7044/82: Reforma da Reforma?”, assinado pela diretora Lúcia Terezinha Saccomori Palma, pareceu anunciar o que se concretizaria três anos depois:

...a lei 7044/82 também inova em alguns aspectos quando, por exemplo, retira a obrigatoriedade da formação profissional. Esta inovação está colocando as escolas diante de um sério problema: repensar as habilitações oferecidas, muitas delas tão criticadas pelos alunos, pais e comunidades, por não prepararem para um bom desempenho profissional, tampouco para enfrentar o tão temido vestibular. Outra inquietação: se as escolas não encontrarem respaldo para equiparem suas habilitações com o mínimo necessário, vale a pena continuar a oferecer estes cursos aos nossos alunos? (EDITORIAIS, 1983)

Ao lado deste editorial, no espaço dedicado ao “editorial do aluno”, as alunas Marivania e Virgínia, da turma 62B, denunciam a deficiência nas aulas práticas, devido a falta de materiais necessários: “No caso do nosso curso, os alunos não têm aulas práticas, porque em primeiro lugar não têm nem uma sala de aula com os materiais necessários para um bom desenvolvimento e prática profissionalizante...”.

Assim, na segunda metade de 1986, a exemplo de muitas outras escolas, o Cecy excluía seus três cursos profissionalizantes – Redator Auxiliar, Economia Doméstica e Prótese – sob protesto dos alunos, que reivindicavam a qualificação e não a extinção do Redator Auxiliar. A polêmica chegou até o Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, em 7

de dezembro de 1986, que publicou matéria sobre o caso no Cecy (ver anexo J). Apesar das manifestações contrárias, esses cursos não voltaram mais a funcionar depois disso.

Edy Isaías ainda permaneceu no Cecy até 25 de março de 1988, quando se aposentou, aos 55 anos de idade. Alguns dos amigos que fez nessa época, colegas e ex-alunos, andaram com ele até o final de sua vida, como é o caso de Algemar França: “... sua filha Eduarda me chamava de ‘fiel escudeiro’ de seu pai, já que pelo menos uma vez na semana o visitava em sua casa para aprender um pouco mais...”. (O EXPRESSO, 2001).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi, em primeiro lugar, uma experiência sem antecedentes no curso de Jornalismo da UPF. Não haviam modelos a serem seguidos em trabalhos de graduação anteriores e, por isso, tivemos que descobrir nosso próprio caminho, juntamente com nosso orientador. Optamos, em primeiro lugar, por uma linha mais biográfica, abordando a história de vida e a trajetória profissional de uma figura que nos pareceu única e singular na História do Jornalismo Regional. Para isso, fizemos um levantamento geral, através de documentos e relatos orais. A partir daí, identificamos as realizações que mais destacaram Edy Isaías como jornalista comprometido com a profissão e a região de Passo Fundo e lhes demos um destaque maior dentro do trabalho. Foram estas: o jornal O Expresso e o curso de Redator Auxiliar, da Escola Cecy Leite Costa.

Este trabalho cumpre seu papel e objetivo, no sentido de apresentar a trajetória desse jornalista, abrindo portas para outras possibilidades e ênfases de pesquisa. O resultado encontrado se constitui numa nova fonte sobre a História do Jornalismo Regional, apesar de reconhecer que é uma pequena contribuição, dentro do enorme e vasto campo a ser pesquisado, ainda.

Registramos fatos que, de outro modo, poderiam estar fadados ao esquecimento e a serem enterrados com a morte de suas testemunhas. Isto torna o trabalho de extrema importância para a cidade e região.

Em alguns momentos, nos deparamos com esse “desaparecimento” da informação, principalmente quando buscamos exemplares da primeira fase do jornal O Expresso, da década de 60. Procuramos em todos os lugares e com pessoas que pudessem nos ajudar e, apesar de muitos ainda se lembrarem como era, até com certo detalhe, infelizmente, somente um número foi encontrado, no Arquivo Histórico Regional. Felizmente, através desse exemplar e dos diversos depoimentos, pudemos traçar um perfil dessa publicação. Pudemos, também, identificar mais duas fases posteriores de O Expresso e suas respectivas características, além de apontarmos alguns profissionais e reportagens que se destacaram

nele. As causas para o fim do jornal, em cada uma das fases, que anteriormente eram desconhecidas, puderam ser levantadas também.

Quanto ao curso de Redator Auxiliar, era outra história pouco conhecida, até mesmo para atual direção da Escola. Por isso, nos dispusemos a pesquisar nos documentos e arquivos do Cecy, que nos foram gentilmente postos à disposição, comparando tudo com os depoimentos que buscamos. Pudemos, então, identificar seu início, desde o projeto desenvolvido e aprovado pela Secretaria Estadual até as causas que levaram ao seu fim. O papel do jornalista e professor Edy Isaías nesse curso e na ascensão profissional de diversos ex-alunos do curso também foi mostrado.

Muitos outros aspectos da vida de Edy Isaías poderiam e poderão ser explorados, ainda, como a “faceta” de militante do movimento negro e, também, a história do Clube Visconde do Rio Branco. Além disso, tanto o seu jornal quanto o Redator Auxiliar poderão render outras investigações relevantes.

## REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA dos Gaúchos sem História. [S.n.t.] Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/historia/colonizacao6.htm>>. Acesso em: 10 out. 2004.
- A REVOLUÇÃO de 30. *Cultura Brasileira*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/revolucao30.htm>>. Acesso em: 12 out. 2004.
- BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. *A necessidade de notícias*. Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo, nº 1, ano 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm>>. Acesso em: 9 set. 2004.
- CANTÚ, Jonas; AMBROS, Jussara Rodrigues; SIQUEIRA, Rosimar Serena. Construção política, econômica e cultural: Passo Fundo nos últimos cinquenta anos. In: DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 115-133.
- COGO, Erni Fortuna; ISAÍAS, M<sup>a</sup> de Lurdes; BASTOS, M<sup>a</sup> Lúcia Lopes. *O negro e sua contribuição a Passo Fundo*. 1985. Monografia (Graduação em Artes Plásticas) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 1985.
- DORNELLES, Beatriz (Org.). *PUCRS: 50 anos formando jornalistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DÓRO, Leandro. *Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras*, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 92, abr. 2004.
- EDITORIAIS. *O Redator: Órgão de Divulgação da Escola de 2º grau Cecy Leite Costa*. Passo Fundo, ano VI, nº 21, out/nov 1983, p. 2.
- FERNANDO Henrique Cardoso. *História da República do Brasil*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hcardoso.html>>. Acesso em: 12 out. 2004.
- GAL. ERNESTO Geisel. *História da República do Brasil*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hgeisel.html>>. Acesso em: 12 out. 2004.
- GAL. JOÃO BAPTISTA Figueiredo. *História da República do Brasil*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hfigueiredo.html>>. Acesso em: 12 out. 2004.
- JOSÉ SARNEY. *Brasil República*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://www.brasilrepublica.hpg.ig.com.br/josesarney.htm>>. Acesso em 12 out. 2004.

- MAESTRI, Mário. *O escravismo no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Atual, 1994.
- MAL. ARTHUR da Costa e Silva. *História da República do Brasil*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hsilva.html>>. Acesso em: 12 out. 2004.
- MEDEIROS, Márcia Maria. Passo Fundo: política e economia na década de 1930. In: DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 101-114.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Regime Militar*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/consnac/orgpol/periodos/regmil/apresent.htm>>. Acesso em 15 out. 2004.
- MONTEIRO, Paulo. *Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras*, Passo Fundo, v. 0, n. 1, p. 52, dez. 2003.
- O EXPRESSO Jornal. Edição Especial. Passo Fundo, ano XL, nº 01, out. 2001.
- O REDATOR: Órgão de Divulgação da Escola de 2º grau Cecy Leite Costa. Passo Fundo, ano VII, nº 22, mai. 1985, p. 6.
- REVOLUÇÃO DE 30. *História da República do Brasil*. [S.n.t.] Disponível em: <<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/h30.html>>. Acesso em: 12 out. 2004.
- RUDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1993.
- SILVA, Jandira M. M. da. *Breve Histórico da Imprensa Sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.
- STEPHENS, Mitchell. *Uma História das Comunicações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- RELATOS ORAIS ATRAVÉS DE ENTREVISTA:
- Argeu Santarém (anexo A)
  - Meirelles Duarte (anexo B)
  - Acácio Silva (anexo C)
  - Osmar Giarollo (anexo D)
  - Santana Dal Paz (anexo E)
  - M<sup>a</sup> de Lurdes Isaías (anexo F)
  - M<sup>a</sup> de Lourdes I. da Cruz (anexo G)

**ANEXOS**

**ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ARGEU SANTARÉM (Colega de Jornalismo, radialista e escritor), em 29/09/09:**

1. *Quem foi Edy Isaías, na sua opinião? E quais foram as suas maiores realizações?*

O Edy, pra começar, foi meu professor. Mas não foi meu professor de Jornalismo, foi meu professor de Francês. No tempo em que a gente estava no ginásio, ainda. Em Marau. O Edy havia se formado em Comunicação em Porto Alegre e retornou para Passo Fundo e passou a lecionar Francês – não lembro se tem outra matéria. Foi uns tempos depois que o Edy iniciou com seu jornal O Expresso, nos anos 63, 64, se eu não me engano, nessa época... Na primeira metade dos anos 60, ele iniciou com seu jornal O Expresso, que era um jornalzinho feito numa oficina em sua própria casa, com auxílio de uma ou duas pessoas, era todo na tipografia, não tinha a mínima tecnologia que tem hoje. Era uma tipografia antiga, letra por letra, devia se buscar com uma pinça na caixa de letras pra formar uma frase, depois colocar isso na prensa e da prensa pra impressora. O jornal dele, se eu não me engano, foi sempre Semanário, ou ele tentou tirar bi-semanário, uma coisa assim...

Mas o Edy nunca conseguiu sair do chão com seu jornal porque naquela época não era fácil também. Tinha os dois jornais daqui, que detinham o controle, os dois grandes jornais, Diário da Manhã e O Nacional, que detinham o controle da mídia escrita. Porque eles tinham mais elementos, já eram muito mais antigos. E o Edy foi um pioneiro numa tentativa de romper esse processo. O jornal dele tinha uma circulação muito resumida e tinha um outro problema grave: ele, apesar de ter sido sempre um oficialista – o Edy sempre foi a favor, né? Nunca foi contra – apesar de ser um oficialista ele não conseguia romper, acabar com seu problema financeiro e aumentar o seu jornal. Ele sonhava com isso, que podia amanhã ou depois ter uma máquina, uma linotipo, uma impressora, quando começou a funcionar o sistema offset ele ainda alimentava essa esperança... mas ele era um idealista neste aspecto, porque ele punha o dinheiro do seu salário, que ele ganhava como professor pra poder circular o jornal e alguma publicidade muito barata, muito pouquinho que ele conseguia angariar. Então, no aspecto profissional do Edy, o que eu posso colocar é isso. Eu nunca trabalhei com o Edy, no jornal dele, porque eu sempre estive ligado a outros órgãos de imprensa, mas sempre acompanhei o trabalho, principalmente nesse jornal O Expresso, que ele sustentou alguns anos e depois cansou, deve ter cansado... botando sempre do próprio bolso pra poder funcionar o jornal.

2. *O senhor disse que ele tinha uma posição meio “oficial” e justamente essa época do Expresso foi uma época complicada, pelo menos do início da ditadura...*

É, era uma época difícil, mas o Edy, realmente, ele era oficialista. Ele tinha muito receio de criticar o governo no jornal, embora, particularmente, ele manifestasse sua opinião contra o regime. Mas daí à sua posição como dono do jornal era totalmente diferente. Apesar que, diga-se de passagem, os demais jornais daqui também tinham muita preocupação, os jornais grandes, não era só o Edy. Embora os jornais grandes tivessem uma autonomia maior, tinham mais poder político, mais poder de fogo pra poder criticar algumas coisas, principalmente as coisas que ocorriam aqui dentro das nossas barbas, como a gente dizia.

Mas essa posição do Edy não surpreende, porque a época era muito difícil, realmente era uma época muito difícil... o Edy já não era um jovem estudante, um jovem recém-formado. Ele já era um homem calejado, já tinha família, tinha dificuldade de sustentar o jornal. Era funcionário público e poderia perder até o seu título de professor, porque naquele tempo ninguém perdoava ninguém. Então, o meu espírito crítico a respeito do Edy era nesse sentido.

A gente tem que entender, também, a situação dele, que era muito diferente da minha. Eu não tinha jornal, não tinha compromisso com ninguém, tinha uma posição política, a respeito da ditadura, muito bem formada, desde os tempos da militância estudantil e, não que não arriscasse nada, a gente arriscava tudo, como arrisquei: eu e companheiros meus chegamos a perder emprego, perdemos matrícula na Universidade, essas coisas todas... mas a nossa situação era diferente porque nós já tínhamos uma formação política, então podíamos cobrar de todo mundo isso, que era o caso do Edy. O Edy não tinha uma formação política dos bancos escolares pra que, depois, se cobrasse dele como diretor do jornal, mesmo porque ele dependia do governo.

3. *Bom, ele é muito mais conhecido hoje como professor do que como jornalista, e ele foi um dos fundadores e principais professores de um curso aqui no Cecy, chamado Redator Auxiliar...*

É, eu queria chegar lá. O grande mérito do Edy foi o trabalho que ele fez nos anos 60 e anos 70, que ele conseguiu esse curso que era inédito em Passo Fundo e eu acho que raríssimo em todo o Rio Grande do Sul, um curso de Redator Auxiliar. Esse curso formava alunos, em nível de ginásio, se eu não me engano, em nível ginásial, que depois eram aproveitados pelas redações, muitos deles foram aproveitados e eu cito excelentes jornalistas que saíram dali, como Carlos Alberto Fonseca, meu querido amigo, Acácio Silva, e outros que eu não lembro o nome assim... muitas pessoas que vieram para as redações, assumiram sua posição e estão até hoje nas redações, foram alunos do Edy. Outros não chegaram depois a cumprir a Universidade, perderam, então, aquele vínculo com o Jornalismo, mas muitos deles foram aproveitados. Esse trabalho do Edy, esse comprometimento do Edy, é algo que o jornalismo de Passo Fundo tem que reconhecer como de grande mérito, e eu reconheço. Eu mesmo editava, naquele tempo, o jornal O Nacional e recebi vários desses estagiários... repito, Fonseca foi um deles, que chegou como estagiário. O Jorge Lindenhaer, que depois abandonou, não trabalha mais com jornal... depois veio o Acácio, que não chegou a trabalhar comigo no Diário da Manhã, foi posterior. Mas muitos desses nomes, que eu, como editor do jornal, recebi, nos dois jornais. A gente recebia e, é claro, havia um filtro natural, porque eles não estavam saindo duma faculdade de Jornalismo, era apenas uma tendência que cada um deles tinha para o Jornalismo e que o Edy conseguia filtrar, e sob, sempre, a orientação dele é que a gente chamava um ou outro pra fazer uma espécie de estágio no jornal. Muitos ficaram. Ficaram e estão até hoje.

4. *O Edy foi o primeiro jornalista com formação acadêmica em Passo Fundo, e ele era negro – se hoje em dia ainda há preconceito, imagine naquela época um negro ir pros bancos acadêmicos, voltar... Como é que o senhor vê isso?*

O Edy é negro, foi o primeiro. Ele veio pra cá e não foi trabalhar em jornal, como eu já falei. Ele veio como professor, chegou a ser meu professor. O fato de ele ser negro deve ter prejudicado como prejudica até hoje, né? Esse racismo é natural, embora seja totalmente injusto, numa cidade que tem a maior parte da

população de descendentes de europeus. Mas o Edy tinha um outro aspecto, ele negro, mas era de uma família tradicional de Passo Fundo. Os Isaías são considerados um dos fundadores de Passo Fundo, porque os antepassados dele, que aqui chegaram como escravos, depois de libertos eles se adaptaram e foram, todos eles, inclusive ele próprio, pessoas de uma determinada importância, tinham peso na classe média de Passo Fundo. Eu concordo que até essas coisas podem ter prejudicado, em parte, mas ele não se sentia como tal. Porque ele transitava no meio dos brancos com toda a segurança, contava piadas de negros e, a mim, por exemplo, diante dos meus olhos, pelo menos, nunca se passou um fato que pudesse ser entendido como discriminação ao Isaías, em função da sua cor. Pelo contrário, nesse aspecto ele era sempre muito respeitado, eu até repito, em função da sua família.

5. *O senhor acha que o fato dele ser negro o fez lutar mais, ou acomodar... teve alguma influência?*

Deve ter levado o Edy a reforçar o “trem de jogo”, é evidente. Porque, em primeiro lugar, você vê: um negro do interior cursar uma faculdade de comunicação, nos primeiros anos da faculdade de comunicação no RS, em Porto Alegre.... Ele conseguiu vencer. Voltou para Passo Fundo. Fez Filosofia mais tarde. Essas coisas ensinaram! Ele era líder da raça, tanto assim que ele sempre dirigiu ou participou de diretorias – se não foi presidente – de entidades ligadas ao movimento negro. Não era um contestador! Não era, sem dúvida! Não, ele não era. Pelo contrário, ele era um tipo que buscava mais um entendimento com os brancos, a ascensão do grupo de negros que o cercavam, né? Uma espécie de Martin Luther King em tempos de paz, aqui. A esposa dele também, a Maria de Lourdes sempre foi uma lutadora também. Sempre esteve à frente de movimentos sociais, de branco ou de negro, não interessava. Ele se concentrava mais nos movimentos de negros, por exemplo, no Visconde do Rio Branco, ele chegou a ser presidente, se eu não me engano do Visconde. Ele teve uma participação muito ativa, nesse aspecto. Mas eu repito o que disse anteriormente, há sempre resquícios de racismo e discriminação. Tenho a impressão que ele morreu com o respeito da comunidade. A comunidade, que sempre respeitou, por sinal, tem respeito para com ele até hoje, porque o Edy, apesar das diferenças com os grupos de jornalistas que o cercavam, que não eram muitos – era só questão apenas de opinião, de diferença de posição política, até pra aquela época – o Edy nunca foi tachado de desonesto, nunca foi tachado de incompetente, essas coisas, né? Nunca houve uma acusação nesse sentido. Eu acho que deixa uma bela imagem. E te cumprimento, inclusive, por ter escolhido este tema. Acho que tens muito assunto pra discutir ali como Edy.



## ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: MEIRELLES DUARTE (Colega de Jornalismo, radialista e colega na Academia de Letras), em 30/09/04:

1. *Quem foi Edy Isaías e quais foram suas maiores realizações?*

Ele é natural de Passo Fundo e marcou muito.

A maior realização do Edy Isaías começa que ele foi o único jornalista diplomado que residia em Passo Fundo. Nós todos somos jornalistas feitos no sacrifício e na luta diária, feito “à facção”, não dispomos de diplomas nem de cursos de Jornalismo como tem hoje a UPF – é o que tu deve estar fazendo, né? – e ele, então, como detentor desse diploma, desse curso, ele quis dar às novas gerações ou transmitir a elas o seu conhecimento e estimular a prática do Jornalismo. E surgiu um punhado de grandes jornalistas lá da Escola Cecy Leite Costa, onde ele lecionou. E, graças a ele, a Escola Cecy Leite Costa tornou-se uma escola profissionalizante que, além de jornalistas, também, até hoje, forma técnicos eletricitistas, e outras coisas lá, que eu não estou bem a par.

E ele fundou O Expresso Jornal, um jornal modestíssimo, composto com um sistema gráfico já superado, oficinas muito pobres, quase paupérrimas e que não tinha uma circulação prévia. Quando menos se esperava saía aquela edição do Expresso de uma circulação sempre pequena. Eu acho que, no máximo, mil exemplares por edição. Às vezes saía quinzenal, às vezes saía mensal. Eu colaborei muito com O Expresso na área do esporte, que eu escrevia e dava pra ele, mas ficava esperando, esperando, esperando, dali um dia saía o jornal.

Ele revelou grandes jornalistas como o Décio Ilha, sabia? Que se tornou o maior cronista social da cidade. Foi levado pelo Edy para o jornal O Expresso e, do jornal O Expresso, causou curiosidade e admiração e terminou no Nacional. Onde ele fez fama, onde ele praticamente dominava a sociedade de Passo Fundo com suas críticas, escolhendo as mulheres destaque, as mais elegantes, enfim, ele mexia com a sociedade. Ele faleceu em Camboriú, o Décio Ilha, e foi revelado, foi a maior revelação do professor Edy Isaías. Ele relevou, também, o Acácio Silva, que é da Rádio Uirapuru, revelou, também, o Carlos Fonseca, que é da Rádio Diário da Manhã, vários funcionários da Rádio Planalto passaram pela Escola Cecy Leite Costa, como alunos do professor Edy.

Ele ingressou comigo, no mesmo dia, na Academia Passofundense de Letras e colaborou com a Academia, porque ele era muito culto e muito caprichoso, porque raramente faltava às reuniões, aos eventos em que a Academia se fazia presente. E desapareceu prematuramente. Esse foi o seu Edy Isaías.

2. *Voltando um pouco ao Expresso, o senhor diria que ele tinha uma linha editorial? Do que tratava?*

Não. Ah, O Expresso era um pouco sensacionalista. Ele fazia de um fato quase corriqueiro, ele dava um aspecto, dava uma manchete de sensação. Mas ele tinha um princípio de não atacar ninguém, de não criticar ninguém, nem os governantes do município, nem... uma postura muito decente, muito correta. O esporte era forte, eu tinha uma página inteira, com clichês. Naquele tempo tinha que se fazer clichês, que se transformava na fotografia do jornal.

Mas foi um jornal que, a prova disso é que antes mesmo da sua morte já estava parada a sua circulação, e não tinha nenhuma perspectiva de retornar. Era

feito mais por um capricho do Edy, não tinha aquele objetivo comercial, de anúncios, isso e aquilo. Todo o gasto de papel e impressoras era tudo sustentado por ele. Então, não ia sobreviver muito.

A importância do Expresso foram os profissionais que O Expresso revelou. Diante dos outros jornais ele era muito pequeno, de pouquíssima expressão. Não era como O Nacional e o Diário que até hoje fazem opinião, moldam a opinião da cidade. Esses jornais, que sempre dominaram, nem tomaram conhecimento do Expresso.

Era um jornal mais pros estudantes. O próprio Edy reconhecia que era muito limitado, não tinha ambição de desbancar os grandes jornais. Começa que os dois são diários e o dele, era pra ser semanal, mas às vezes saía quinzenal e assim por diante.

3. *O senhor crê que a cor da pele teve alguma influência na vida dele, positiva ou negativamente?*

Não, ele era um líder da raça. Ele presidiu muitos anos o Clube Visconde do Rio Branco, que é uma entidade que só congrega negros. O pai dele, o velho Isaías, foi o fundador do Clube, ele sucedeu o pai, presidiu, depois outros parentes presidiram... Ele estimulou muito o carnaval de rua, que não tinha em Passo Fundo e começou engatinhando com duas ou três escolinhas de samba muito pequenas. Era ele que estimulava, que conclamava, que ia pras rádios congregar e a cidade nunca deu muita importância, porque até hoje o nosso carnaval de rua é muito sombrio, é muito fraquinho, muito pobre. Mas ele, pelo fato de ser negro, não tinha nenhum complexo. Prova estar que ele entrou na Academia de Letras, sempre estava presente em todos os eventos importantes da cidade, sempre muito bem quisto, muito estimado e um cidadão muito correto. Muito estudioso e humilde, até demais, pelo que ele sabia e pela cultura dele.

4. *Alguns o chamam de “oficialista” por causa da posição dele diante da ditadura militar, mesmo estando em meios difíceis como o estudantil e o jornalístico. Como o senhor vê isso?*

Não, ele não negava suas tendências políticas. Ele era brizolista, mas por esse fato ele não sofreu, como muitos sofreram – o que é o meu caso, porque era vereador – qualquer problema com a revolução, com os militares. Ele era um político militante, hoje em dia a esposa dele é até candidata a vereadora, mas não negava suas tendências, suas preferências, o seu partido (que tinha ficha assinada no PDT), acompanhava os candidatos, fazia campanha e tudo o mais. Mas não sofreu nenhuma seqüela por isso.

5. *Essa questão da filiação foi depois da abertura política. Mas na época da ditadura, o senhor lembra qual era a posição política do jornal?*

O jornal não tinha tendência política nenhuma. Era de livre circulação e dava as notícias. Se os militares mandavam prender, ele dava a notícia: “por ordens militares, foi preso, foi cassado”, ele dava a notícia como qualquer outra. E nunca sofreu qualquer advertência ou repreensão por causa disso. Era de livre... Era um jornal que não pesava muito na opinião pública, era mais ele, Edy Isaías, porque O Expresso era muito...

6. *A maior realização dele então...*

Isto sim, ele influenciou muito, contribuiu e revelou excelentes jornalistas e radialistas.

Foi um brilhante membro da Academia Passofundense de Letras.

Foi um cidadão íntegro e que, enquanto esteve presente conosco na Academia, sempre se destacou, valorizou a Academia com a presença dele, etc, mais ou menos isso.

## ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ACÁCIO SILVA (Ex-aluno e radialista), em 16/09/04:

1. *Como o senhor descreveria sua relação com Edy Isaías?*

Acho que foi uma relação de amizade. Ele era um excelente professor, muito extrovertido... a gente não escrevia muito... eu passei os três anos do curso de Auxiliar de Redação e não escrevi muita coisa. Ele chegava no quadro, colocava umas frases principais e a aula dele era mais conversa, contando como é que tinha que ser o Jornalismo, como é que ele fazia, o que ele entendia de Jornalismo. Era um professor muito comunicativo e que cativava os alunos. Difícil era achar um aluno que não gostasse dele. Eu, particularmente, depois fiquei trabalhando com ele, na oficina que ele tinha nos fundos da residência dele, mais ou menos um ano, tentando retomar O Expresso. Iam outros alunos também e nós fizemos diversas matérias experimentais que depois acabaram não saindo. Depois conseguimos tirar, não me recordo bem se dois ou três números.

A nossa relação era de amizade! Era muito comunicativo! Difícil achar uma pessoa na cidade que não gostasse do professor Edy Isaías. Aquele jeitão sempre calmo, uma paciência impressionante!

Ele tratava os alunos como se fossem filhos dele, amigos dele.

2. *Ele era um disciplinador? Fazia discípulos?*

Ah, sim! Sempre que ele via um pessoal que se destacava, que tinha o dom “pra coisa”, ele pegava e apresentava pra trabalhar em jornal, ou rádio. Ele procurava encaminhar as pessoas. Várias e várias pessoas. Um dos primeiros que eu conheci que ele encaminhou foi o Jorge Rosa que era repórter policial do Diário da Manhã (depois, antes de terminar o curso ele foi trabalhar em Chapecó e morreu num acidente). Flávio Damiani, que hoje é assessor de imprensa do Ministério da Justiça em Porto Alegre. Teve várias pessoas que ele encaminhou. Tem o Carlos Alberto Fonseca que tá no Diário da Manhã. O Rogério Silva, do Diário da Manhã. A Zulmara Colussi, do Diário da Manhã também. Eu, na Uirapuru.

3. *Sobre o curso.*

Ele foi o cara que organizou, que encaminhou a “papelama” pra fazer esse curso lá no Cecy, que depois, infelizmente... Hoje seria ideal se tivesse esse curso, porque o pessoal que hoje tá fazendo Jornalismo, às vezes vai pra Universidade sem saber bem certinho... se tivesse esse curso, ia fazer lá e depois já chegava na Universidade sabendo certinho se era aquilo mesmo que queria, pelo menos já tinha uma noção.

Mas o curso foi muito deficitário. Não tinha máquina de escrever (naquela época não tinha computador, né?!) e era muito deficitário em termos de material. Tinha um material humano bom, como era o caso do professor Edy e mesmo assim saíram vários profissionais de lá. Têm outros que eu não me recordo agora, mas saíram de lá do Cecy.

4. *O que vocês estudavam?*

As matérias normais, do currículo normal, e a gente tinha lá redação, técnica e teoria da comunicação. Dependendo do ano. No primeiro ano tinha uma coisa mais básica: a história do Jornalismo e meios de comunicação e depois tinham as matérias práticas: duas ou três eu acho que eram práticas. Quer dizer, prática mas a

gente acabava na teoria porque se fizesse matéria tinha que fazer na mão, com caneta mesmo.

5. *O professor Edy tinha formação também em Filosofia. Que tipo de leitura gostava? Como isso se manifestava nas aulas?*

Pelo que ele falava, que jornalista tem que entender de tudo. Ele lia tudo: jornal, revista, livro. Gostava de livros ligados ao tema de jornalismo, inclusive recomendava pra gente. Ele sempre dizia que jornalista tem que saber um pouco de tudo, principalmente no interior. Porque na capital a gente pode fazer aquela cobertura só do setor que trabalha, mas aqui não, aqui você tem que fazer economia, geral, polícia, política, então tem que saber de tudo. Ele era muito chegado à leitura. Incentivava os alunos à leitura.

6. *Você acha que o fato dele ter sido negro influenciou de alguma forma na sua atividade profissional, seja pra impedi-lo ou influenciá-lo?*

Não, acho que não. Ele era de uma família tradicional negra, a Família Isaías, mas ele não tinha era recursos financeiros mesmo. Porque o Edy era um sonhador. Era um cara muito sonhador. E ele sempre lutou... antes mesmo, quando ele tinha o jornal dele, ele contava pra gente, ele sempre teve muita dificuldade de equipamento. Bah, naquela época os equipamentos eram mais rudimentares... Mas, quando circulou o jornal dele, fazia sucesso. Era bastante famoso! Ele não fazia aquele jornal tradicional como fazia o Diário da Manhã e o Nacional. Ele já fazia uma coisa meio diferente. Gostava de umas matérias mais chamativas, diferentes. Era mais popular. Ele sempre dizia isso pra gente. Hoje os jornais são mais diferentes, mas antes eram uns jornais mais de elite. Quem saía nos jornais eram os políticos, os comerciantes. E ele dizia que os jornais tinham que ir lá na vila, que não adiantava ficar botando só elite. Tinha que botar o povão lá da vila. Era semanal.

7. *Qual a contribuição do Expresso para o Jornalismo passo-fundense?*

Marcou o início de um jornalismo popular. Um jornalismo diferente do que era feito tradicionalmente, onde o povo não tinha muita vez (nos jornais mais tradicionais), a não ser nas colunas de polícia e o professor Edy não, ele começou a botar, o povo lá da vila tinha vez. Os jornais daqui só faziam cobertura de gaúcho e, na época, 14 de julho (nem era Passo Fundo ainda). E ele ia lá fazer a cobertura do futebol amador. O jornal dele tinha bastante venda por quê? Porque tu achas que botando a foto do timizinho lá da vila, de 11 caras, no outro dia não vai estar todo mundo lá comprando o jornal dele? Pra ver a foto deles ali no jornal? Então, ele tinha essa visão. Acho que ele marcou uma época! Era um jornal popular.

8. *Edy era jornalista e professor, numa época em que os dois meios eram muito “complicados” por causa da ditadura militar. Como era o posicionamento político dele?*

Ele sempre foi contra a ditadura e sempre criticava, principalmente a censura à imprensa e, inclusive andou até sendo meio perseguido, sofreu alguma coisa nesse sentido de censura. O pessoal cuidava muito ele, principalmente por causa dessa ligação popular que ele tinha. Então, o pessoal ficava sempre de olho no jornal dele. Mas ele sempre foi um cara democrático, sempre condenou essa questão da ditadura.

9. *Algumas pessoas o consideraram muito “diplomata” e o criticam por isso.*

Ah, não, ele não era um radical. Ele tinha a posição dele mas, digamos, ele não era um cara de “pegar bandeira” e ir pra rua ou participar de manifestação. Ele era aquele jeitão dele: calmo e tranquilo, mas sem dúvida que a posição dele sempre foi totalmente contra a censura ou qualquer coisa nesse sentido.

10. *O fim do jornal teve algo a ver com a ditadura?*

Não, ele sempre contava pra gente que o jornal tinha terminado mesmo por falta de recursos. Não teve como tocar, parou e passou o resto da vida dele sempre tentando voltar.

Quando ele morreu foi a terceira vez que tentaram reeditar o jornal. A segunda ele tentou com os alunos, entre 78 e 80. Nessa época tinha até uma equipe boa de estudantes lá pronto pra ajudar. Mas daí não tinha condições... o maquinário não ajudava. Até ele comprou uma máquina, uma impressora plana, mas era de 1945, do tempo da 2ª Guerra. Chegou aqui e não deu, não funcionou. Ah, quando chegou a máquina nós ficamos todos entusiasmados “bah, chegou a máquina!”. Mas daí não deu, não deu pra tirar...

*História do Primeiro n° em 1978:*

Fomos todos na oficina dele, aqui, mas daí a máquina não deu... daí nós fomos tirar em Erechim, aliás, Erechim não, Carazinho. Ficamos lá dois dias trabalhando direto numa graficazinha, só comendo sanduíche e água pra tirar o jornalzinho. O primeiro que nós tiramos nessa etapa com os alunos.

Um que tava junto nessa turma, que era aluno dele e que depois optou pelo ramo da publicidade era o Paulo Rigon.

11. *Na sua opinião, quais foram as maiores realizações do seu Edy Isaías?*

Eu acho que ele se sentia realizado quando via um aluno dele tendo sucesso na profissão. Sempre que ele podia ele falava “olha, fulano e fulano foram meus alunos”. Acho que isso foi a maior realização dele.

12. *Mais que O Expresso?*

Acho que até mais que isso. A satisfação dele era quando via um aluno dele e citava “aquele lá foi meu aluno, aquela foi minha aluna”. Ele era tipo um paizão dos alunos, dos que passaram por ele lá no curso.

13. *Mais alguma coisa?*

Ele era carnavalesco. Desfilava na avenida com a Bomsucesso. Outra das paixões dele era o carnaval.

**ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: OSMAR GIAROLLO (Ex-funcionário na gráfica dO Expresso), em 25/09/04:**

*1. Onde e como funcionava a gráfica dO Expresso Jornal?*

As oficinas dO Expresso funcionavam na Moron. Eu tinha 12, 13 anos. Eu lembro bem o funcionamento, como era feito. Ele tinha uma máquina manual, uma máquina que tu tinha que colocar o papel à mão, pedalar e ela funcionava com correias e prensava onde estavam colocadas as matrizes, pra poder sair o jornal. Era muito lento, um processo muito lento. Enquanto o Diário da Manhã e O Nacional já possuíam uma máquina semi-automática, que também o papel era colocado à mão, mas era por energia.

Eu me lembro que a gente funcionava a máquina no pé e depois tinha uma manivela pra dar mais força quando batia, prensava no papel. Era muito antigo o processo. Tudo manual. Não existia linotipo, que era na época em que estava iniciando.

Os outros jornais já tinham linotipo, mas o Edy Isaías, por não ter recursos financeiros, ainda não. Era tudo feito a dedo, como se dizia. Trabalhávamos em três e mais ele, que dirigia. Mas eram feitas só quatro páginas, então ficava mais fácil de editar. Trabalhávamos com umas 50 fontes de tipos, que eram os diversos tipos de letras. Era usada a caixa francesa, geralmente usada em tipografia. Mas ele tinha a caixa alemã, que era mais usada em jornal. Nas caixas estavam o abecedário inteiro.

Montava tudo catando as letrinhas e montava no componedor, formando o texto inteiro. Colocava na galé ou bolandeira. Pra correção se usava a pinça. Depois de impresso desmanchava tudo de novo e guardava nas caixas.

Mas nós tínhamos falta de letras, então, em textos em que ia bastante acento ou faltava letras, a gente improvisava. Às vezes misturava tipos de letras, usava zero em vez da letra “o”.

Usávamos negrito para destacar, letras góticas para poesia...

*2. O que o senhor acha que levava o S. Edy a continuar com o jornal mesmo em condições tão precárias?*

Ele tinha muita sede, acho que tava no instinto dele essa área de jornalismo. Ele tinha poucos recursos, mas era uma pessoa que queria vencer. Eu me lembro, a gente trabalhava de noite, e depois ele nos garantia de nos levar pra casa... mas ele tinha muita sede de vencer... era o sonho dele. Então, ele buscava e cria que ele poderia vencer... mas como havia essa concorrência muito forte dos outros dois jornais, que podavam ele e tinham mais recursos, porque os donos são pessoas de bastante posses, daí ele tinha que fazer os preços mais baixos.

*3. Dizem que os donos dos dois grandes jornais não se davam e que ele se dava com os dois. É verdade?*

É, e até escrevia pro Diário (eu cheguei a fazer bicos ali no Diário). Ele tinha muita força de vontade. Era um homem muito inteligente e esforçado. Ele lia muito, lia direto. Ele tinha, assim, um... era uma pessoa muito didática, sabia ensinar, sabia transmitir para as pessoas as coisas. Isso que cativava as pessoas, os outros viam isso. Só não cresceu porque foi muito podado por esses jornais que

tinham mais recursos, senão ele teria tido um sucesso bem grande, porque ele realmente tinha uma inteligência grande. Ele se destacava, na época, era uma pessoa muito bem relacionada em tudo que fazia. Ele era uma pessoa carismática, sempre rodeado de pessoas, sempre com gente o procurando.

Creio que por fazer muita coisa ao mesmo tempo ele não conseguiu atender a tudo. Ele também era professor (na época lecionava fora e nos deixava a encargo do “mestre gráfico” Alcides – eu acho, que tinha trabalhado no Correio do Povo, em POA).

Às vezes nós mesmos saíamos fazer as entregas do jornal para os assinantes, nas casas. Não eram muitos, acho que uns 300 exemplares em 65. Alguns eram vendidos, também, de porta em porta e alguns vinham buscar lá na gráfica exemplares. Havia, também, assinantes, o pessoal que ajudava a sustentar o jornal.

Os outros jornais tinham muito mais recursos e eram mais bonitos.

Naquela época as “fotos” eram clichês que eram, normalmente, esculpidos em madeira, uma espécie de carimbo. Tinha um irmão marista, o irmão Lucas, que fazia estas peças esculpidas conforme as encomendas desenhadas. Por ser feito em madeiras (e não em metal) ficava meio feio, borrado. A máquina não ajudava, os tipos eram de terceira mão (eles compravam, eu acho, ou conseguiram no Correio do Povo), ficava umas falhas porque alguns já estavam gastos.

#### 4. *O que o jornal tinha de assuntos?*

Era notícias de Passo Fundo, a maioria, artigos. A parte de esporte, quem fazia era o Meirelles (Duarte). Os comentários eram do Jarbas Sampaio Correa, que mandava esses comentários de esportes.

Porque, na época, o futebol era muito forte em Passo Fundo. Tinham muitos times bons. Hoje não é nada! Tinha o 14 de julho, que era lá na baixada, onde hoje é a Rodoviária. Era chamado o Estádio da Baixada, Celso Fiore. Tinha o Esporte Clube Gaúcho, que era onde é hoje e tinham uma rivalidade muito grande.

Tinha o Riograndese que era o time dos Ferroviários – profissional – muito forte. E havia o Independente que, esse sim tava na segunda divisão.

Essas eram matérias muito fortes no jornal.

Ele, inclusive, era diretor de uma equipe de futebol “da várzea”. Ele era amante do futebol, do carnaval e se envolvia bastante. Eu não lembro o nome dessa equipe, mas me parece que era o Náutico, que era mais abaixo da chamada Vila Sapo, hoje Vila Operária... uma vila bem “pesada”.

Mas era numa época em que não existia arma de fogo. Era mais na base da força, da luta. Alguma notícia de briga era coisa corriqueira, coisa que acontecia nos “bailões” da época. Soco, raramente tinha morte. Quando tinha era por acidente. Até me lembro da notícia da queda de um avião na região do Capão Bonito, São João, tinha até um bispo dentro e foi uma notícia muito comentada no jornal.

Nos outros jornais havia horóscopo, no dele não.

Havia bastante anúncios, aliás, praticamente se preenchiam as páginas todas com anúncios.

#### 5. *Nessa época de ditadura, o senhor lembra da posição política do seu Edy, lembra de ouvi-lo comentar alguma coisa?*

Era assim, eu lembro, porque eles, como pessoas mais de idade, eram muito cautelosos. A gente sabe que, o Bar Oásis era famoso e mais pra cá tinha o Café



Sonora e depois o Bar Gaúcho, onde ele nos levava pra comer o “sanduíche farroupilha”, que era grandão pra gente poder ficar trabalhando de noite. Ali a gente via os grupos conversando, mas grupos fechados, não dava pra divulgar muito porque ia preso mesmo. O Edy era contra a ditadura, eu nunca ouvi ele falando abertamente, ainda mais que eu era muito novo e ele cuidava disso. Ele era contra.

Ele também lutava pela causa dos negros. Era na mesma época do Mandela, lá na África do Sul. O preconceito era grande aqui também.

6. *O senhor acha que o S. Edy se sentia discriminado por ser negro?*

Ele sabia que era negro, que era rejeitado, mas ele não tinha isso, nós três éramos brancos. Talvez por essa influência meus melhores amigos, na época eram negros e mais velhos.

Ele não era racista, porque senão não nos empregava.

Isso me lembra de novo o Mandela, que ficou 30 anos presos e, depois que saiu, eu me lembro até hoje que ele disse: “nem os 30 anos de cadeia, calaram a minha voz”. Depois ele até se tornou presidente.

O Edy era o tipo do Mandela, mas era mais na dele...

O Edy era muito cuidadoso, em todos os sentidos, com os menores. Ele emprestava a bicicleta pra nós entregarmos os jornais e fazia recomendações maravilhosas para não nos machucarmos. Ele dizia que em primeiro lugar eu tinha que cuidar de mim. Até quando eu ia trabalhar. Eu trabalhava na montagem e ele dizia, quando eu ia lá pedalar a máquina: “quero que tu saiba que, em primeiro lugar, tu tem que te cuidar, depois a máquina, depois... mas primeiro lugar você. Cuida os teus dedos, os teus pés”. Ele tinha muito cuidado para que as pessoas não se machucassem. E eu, mesmo depois, com tudo o que eu bebi, por causa desse cuidado que ele sempre me recomendou, eu nunca me machuquei e eu já vi pessoas que se machucavam muito e já até perderam dedos, esmagaram as mãos. Mas eu nunca.

7. *O Expresso era um jornal diferente em termos de público? Qual era a diferença, se comparado aos outros da época?*

Olha, eu lembro assim, que nós tínhamos textos pra conhecimento das pessoas, pras pessoas conhecerem mais da realidade. Tinha opinião. E era entregue em residências mais nas vilas. Aqui na Vila Rodrigues, na Cruzeiro. Não era mais para negros, não. Era em geral. Aliás, nem tinham muitos negros na época, que eu me lembre. E o povo, principalmente o da raça italiana, era muito racista.

8. *Como Edy Isaías conseguiu vencer, superar essa discriminação e ser tão bem aceito?*

Eu creio que era pelo carisma dele. Uma que ele realmente estudou, buscava informações e tinha um conhecimento muito grande. Então, as pessoas eram quase que obrigadas a irem nele. Eram obrigadas a aceitar. Porque o conhecimento dele era muito grande. Era muito conhecido e se destacava por esse conhecimento que ele tinha e buscou fora. Ele trabalhou até no Correio do Povo, hoje Zero Hora é maior, mas na época o Correio superava jornais de São Paulo, até.

Eu saí de lá do Expresso e fui trabalhar na Gráfica Independência, que era do seu Mário Souza Santos, conhecido dele e, inclusive, eles se emprestavam

materiais. E, ainda, nas horas vagas eu fazia bico ali no Jornal O Diário da Manhã, que era do lado da Gráfica Independência.

O professor Edy sempre quis um país livre, onde se tivesse uma liberdade de expressão, como hoje, em que podemos nos expressar. Mas, naquela época, da ditadura, ninguém podia ter opinião, muito menos expressar. Quem dava opinião, podia ser detido e tinha que se explicar.

Foi uma pessoa que marcou minha vida. Hoje tenho 51 anos e me lembro muito dele. Lembro bem os detalhes da pessoa dele: aquela meiguice, aquele sorriso, sempre aberto, cativante. Sempre feliz, lembro do cuidado dele chamar atenção. Não era o tipo do diretor padrão que chegasse já, como dizem, “mijando” todo mundo. Não. Ele tinha muita sabedoria ao colocar as palavras

**ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: SANTINA DAL PAZ (Ex-diretora no Cecy, historiadora e colega na Academia de Letras), em 22/09/04:**

1. *Como conheceu o professor Edy Isaías?*

Eu já o conhecia antes, mas quando era diretora do Cecy Leite Costa (fui a primeira diretora, de 1965 a 1970) ele precisava vir para Passo Fundo e ele estava em Marau. Eu não tinha a disciplina que ele lecionava, ele lecionava Francês e eu não tinha no nosso currículo. Daí, como ele era meu amigo e tal, então a gente conseguiu que ele viesse para Passo Fundo e ficasse no Cecy, então daí que eu fiquei conhecendo mais ele. Antes eu conhecia, mas superficialmente.

Ele foi uma pessoa muito amiga de todos. Ele era uma pessoa incrível! Como amigo... prestativo... qualquer coisa que eu pedisse pra ele, ele tava pronto pra fazer. Muito prestativo. E muito culto! Uma pessoa que tinha uma cultura extraordinária. Ele lia bastante. A leitura pra ele era uma coisa que o atraía muito. Então, até uma ocasião ele me contou que gostava muito da leitura e que quando ele estava lendo (e eu faço isso também, então eu sinto a verdade daquilo) “quando estou lendo, eu sento e leio...” (e os filhos dele eram pequenos ainda). Então ele dizia assim “ah, um passava pelo pescoço, outro passava por ali, outro gritava, outro corria e eu lendo o meu livro”, mas não se distraía. Não havia distração que o fizesse parar de ler. Então, ele era um eterno leitor. Por isso que ele entendia de tudo.

2. *Que tipo de leitura ele gostava?*

Ah, ele gostava de todo o tipo de leitura. Porque ele entendia de várias áreas, então a leitura dele era bem diversificada. Então ele não se posicionava em determinado assunto. Ele lia bastante. Por isso eu consegui, pela Secretaria de Educação que ele ficasse professor substituto, já que eu não tinha o Francês no meu currículo, no currículo da Escola. Então, faltava um professor de Português, ele ia lá e dava Português e ele era bom no Português. Faltava um professor de História, ele ia lá e dava história e era bom em História. Faltava um professor de Matemática ou de qualquer outra disciplina e ele ia lá e não tinha problema e se ele não soubesse dar continuidade da programação do professor, ele arranjava um assunto interessante que pudesse estar com alunos atentos, que não fizessem bagunça. E as aulas dele não tinham nenhum problema de disciplina porque ele trazia assuntos bem interessantes pros alunos.

Então eu lembro dele como professor lá no Cecy Leite Costa, uma pessoa amiga de todos. Todos os professores gostavam dele e eram amigos. Amigo dos alunos, os alunos adoravam ele também. E, na parte cultural, ele foi uma pessoa que decifrava qualquer invenção.

3. *Como foi a idéia de montar o curso de Redator?*

Ele deve ter vindo pra Passo Fundo em 66, quando o Cecy saiu do Salomão Iospi, porque a construção do Cecy ainda não estava terminada. Mas a gente tinha pressa de iniciar um curso ginásial naquele bairro, que só tinha o primário (depois vinha 4 anos de ginásio. Faziam até a quinta série, e esta era o admicional, então quem passasse no exame admicional entrava no ginásio e o ginásio teria quatro

anos de estudos). Então, o Cecy passou pra parte nova em 66 e em meados de 66 ou 67 ele veio de Marau para o Cecy, aqui em Passo Fundo.

Na formação do curso eu não estava mais no Cecy, mas naquele período cada escola tinha que desenvolver um curso profissionalizante. Tinham que montar um projeto. Eu estava no EENAV e lá montamos um também. Lá no Cecy montaram esse aí.

Como ele era jornalista, então aproveitaram a pessoa dele, que já estava lá, e montaram esse projeto. Foi um projeto que não durou muito... porque não durava, né?! Porque não tinha muito trabalho nessa área, então era um período.

Ele compraram maquinário, né?! Era o tempo dos tipos... hoje já é tudo moderno: off set, etc. Naquela época era tudo com as “pecinhas”...

Deve ter começado na década de 70, o curso, e depois veio curso de prótese. Hoje o Cecy é instituto e os cursos são todas coisas modernas.

4. *Como a senhora avalia a importância desse curso, e do próprio Edy, na formação de novos jornalistas em Passo Fundo?*

Olha, eu sou bastante curiosa e não deixo passar nada. Então, eu trabalhava no Diário da Manhã e as meninas e rapazes faziam estágio de Jornalismo no Jornal. Então, quando eu encontrava com eles eu perguntava onde que haviam estudado e eles me respondiam que tinha sido no Cecy, com o Prof Edy Isaías e por isso estavam ali. Eles mandavam os alunos no jornal fazer estágio. Eles gostavam do que estavam fazendo e se encantavam e faziam estágio. Os que não se interessavam não faziam estágio, não interessava. Os que saíram de lá e que conseguiram concluir o projeto gostavam muito.

5. *A senhora acha que a condição dele, de negro, teve alguma influência na vida dele profissional, positiva ou negativamente?*

Eu acho que o Edy foi muito respeitado aqui em Passo Fundo. Com aquela simpatia dele e com a cultura ele tentou até competir com o branco. Porque ele tinha cultura! Então, não era comum um negro ter cultura. Ele se cercou disso aí. Foi uma atitude inteligente porque, sabendo da situação da negritude, ele “não, eu vou me cultivar e vou me sobressair”. Eu não sei se foi uma atitude pensada, mas ele foi inteligente em usar a cultura pra se projetar na comunidade.

6. *A senhora nunca viu ninguém discriminá-lo por ser negro?*

Não, não! Eles adoravam o Edy! Eu, por exemplo, gostava tanto do Edy, que eu não via a cor, eu via a alma dele, a pessoa dele, a cultura dele, a bondade dele, aquela prontidão pra tudo que viesse, que aparecesse, como pudesse ajudar, ele ajudava. Ele pertenceu à Academia Passo fundense de Letras e ele se projetava lá. A gente perguntava pra ele “Edy, o que você acha disso?” Ah, ele dissecava o assunto. Ele tava fazendo um livro e não conseguiu concluir. Ele tinha problema financeiro, por isso o jornal dele não ia pra frente. E ele era sozinho também, né? Esses outros jornais tinham um grupo de pessoas que começaram. O Nacional com os familiares do Gervásio Annes...

7. *Então, a família Isaías era uma família de nome, mas não tinha sustentação financeira (a não ser quando o pai era vivo)?*

É. E o problema maior era esse, que ele mesmo se queixava do dinheiro. E ele era sozinho.... Mas assim mesmo ele carregou O Expresso por muitos anos.

8. *Qual a importância, na sua opinião, do Expresso para o Jornalismo em Passo Fundo?*

Olha, ele circulava bem, mas não diariamente. Era semanal. Era isso que ele (Isaiás) podia oferecer pra comunidade de Passo Fundo. E o pessoal gostava do jornal. Era muito bom.

9. *Alguns têm considerado Edy Isaiás um “acomodado” politicamente, por assim dizer, já que era tão inteligente e influente e não lutou como algumas outras pessoas que conhecemos. O que a senhora acha disso?*

O temperamento dele era assim, ele era uma pessoa calma, uma pessoa que você tinha toda a tranqüilidade de chegar pra ele. Ele não era afoito, não era nervosinho, não era rapidinho pra chegar e falar contigo, do tipo “ah, não, hoje não posso!”. Não. Ele sempre podia ouvir. Ele gostava de ouvir, era uma pessoa carismática nesse sentido. Então, eu acho que esse “acomodar” não faz sentido pra pessoa dele, porque o acomodar é aquele que deixa passar o “lessez faire...”. Ele era, sim, uma pessoa calma. Por isso que eu contei aquilo que as crianças subiam nas costas enquanto ele lia e ele não via, o mundo dele era aquele. Então, é o tipo da pessoa, as características, e nós somos todos diferentes, graças a Deus por isso! Ele era um tipo assim, a gente nasce assim... Eu acho que ele não era um tipo acomodado, porque ele sabia tudo, não é? Se ele fosse acomodado ele não ia ler, ele não ia estudar, não ia se interessar, não ia fazer o jornal... Ele não teve condições financeiras e uma ajuda. Podia surgir uma ajuda daqui e dali....

Nós temos tantos homens na história que foram assim... e temos outros que foram mais agressivos, que não admitiam, tipo Julio de Castilhos e outros “ferrenhos” e “temperamentais”. Já outros são diplomatas, como Edy Isaiás. Ele era um diplomata, tinha “jogo de cintura”, se dava pra ir ele ia, se tinha que dobrar a esquina, ele dobrava.

10. *A senhora crê que ele foi uma personagem importante da história de Passo Fundo? Por quê?*

Sim, porque ele estava presente em todos setores que o chamava – e chamavam porque ele era inteligente e muito capaz. Ele se destacou na Academia Passofundense de Letras, ele escrevia em jornais. Ele escreveu livros, mas não pôde publicar porque não tinha dinheiro e até hoje eles são publicados por causa de dinheiro. E nós temos outros assim na Academia: bons escritores que não têm dinheiro para publicar porque ninguém financia... a cultura é ainda bem sacrificada, a educação é sacrificada e vem... só edita livro que tem ou quem pede ajuda pra empresários, e se não for amigo do empresário também não consegue.

11. *Outras coisas sobre ele?*

Ele estava ligado à igreja de São Miguel, a família dele, algum antepassado dele que encontrou aquela imagem.... Logo que iniciou a romaria foram os negros que iniciaram porque foram eles que acharam. O Edy contava e escrevia sobre isso.

Ele foi uma pessoa que marcou a história de Passo Fundo. Ele não foi uma pessoa que passou e não viveu. Ele viveu e marcou.

Nunca o víamos abatido, desiludido da vida. Ele tinha esperança, mesmo que uma esperança vagarosa.

Era um filósofo, um teórico e um sonhador. E como sonhava bonito! Foi uma pessoa maravilhosa!

## ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: M<sup>a</sup> DE LURDES ISAÍAS (Esposa), em 25/09/04:

- Ele tinha diabetes desde, mais ou menos, os 55 anos e faleceu com 67 anos, no dia 15 de agosto de 2001.
- Ele amava e idealizava colocar o jornal na praça de novo, mas como não era uma pessoa de “posses” muito grandes – porque pra colocar um jornal tinha que ter um potencial financeiro muito grande. Ele se fechava e ficava horas planejando, quietinho.
- Ele deixou contos curtos, que contavam pra ele quando era criança. Ele era uma criança assim, que quando olhavam pra ele diziam “ah, esse neguinho é neguinho apático! Ah, esse neguinho não vai estudar! Ah, esse neguinho só quer estar metido no meio dos velhos”. Então, ele ficava assim, junto, escutando as histórias que os adultos contavam e daí surgiram seus contos.
- Ele teve mais dois irmãos, ele era o do meio. E do outro, o primeiro casamento do pai, teve mais três irmãs: Zuza, Sebastiana e Tereza. Ele é filho do segundo matrimônio. O pai dele era militar, o tenente Eduardo Isaías. Ele foi servir, eu acho, nas revoluções de 30 e como ele era uma pessoa muito boa, uma pessoa de um conhecimento grande, um homem culto – o Edy puxou isso do pai. Naquela época não tinha curso de aspirante, então ele era o que ficava do lado do comandante, ajudando. Então, por causa das bravuras, porque participou de diversos movimentos, então ele foi pegando posto. Até o ponto de, quando ele faleceu era tenente, e agora, minha sogra recebe como viúva de um capitão.  
Eu convivi muito com meu sogro e minha sogra, o tempo de namoro, noivado e conhecimento. Porque as nossas famílias eram muito conhecidas, a família dele com a família da minha mãe, aqui da R. Independência. O meu vovô Pedro Dionísio Navarro e a minha vó Hortênsia, a vó Romana era “nega mina”, aquela negrona mina, bem grande, de cabelo bem engruvinhado, enquanto o meu vô era Portenho, era do Paraguai, da Argentina, por aí... então subiu da fronteira pra vir junto com os tropeiros, com os bois e daí, aqui, ele ficou trabalhando numa charqueada e nessa charqueada faziam baile e festa e ele conheceu a minha vó que era descendente de escravos. Se uniram e tiveram oito filhos, tudo mulher (sendo só um homem). O meu pai era de outro reduto de negro lá de Santa Maria.

### 1. *Como Edy, um negro, foi parar no primeiro curso de Jornalismo do Sul do Brasil?*

Ele estudou porque o pai era militar. Era da Junta Militar. Era um homem respeitado na sociedade. O vô do Edy era descendente de escravos, era peão tropeiro, pobre e o pai dele, seu Eduardo, conseguiu ascensão social para ele e para todos os descendentes dele, por ter se tornado militar.

Então, o seu Eduardo falava que seu filho, o Edy, que foi militar também, ia ser um homem estudioso, um homem que vai estar do lado da sociedade, sempre sendo o destaque”. Isso ele plantou neles (os filhos). Então ele dizia “meu filho você tem que estudar pra ser igual, ou talvez melhor, que o filho do compadre”. Que era um branco, amigo dele do Exército, que os filhos iam pros melhores colégios, que tinham cabelinho bem lisinho. “Tu tem que ser melhor ou igual

aquele ali”, mas não desmerecendo o outro. “Vai junto e tu te destacas!”. E o Edy foi subindo, galgando os degraus da cultura e sabendo que era capaz pra isso!

Ele foi respeitado, conseguiu destaque e não fez mais por causa da questão financeira. Porque ele não era um homem egoísta, que não queria ter grandes coisas e se contentava com o que tinha, aquilo ali bastava, sem que a família passasse nenhuma necessidade, então ele acabou sendo barrado pela questão financeira. Formamos 4 filhos, sendo 1 do coração... então, dá pra dar comida? Dá pra dar remédio? Dá pra dar formação, educação? Dá! Então tá tudo bem! Temos uma terrinha pra morar, então tá tudo bom!

Mas cultura, não! Isso tinha que ter! Ele lia! Ele lia, menina! Ele lia assim... livros e livros! Esses dias, cheia de dó, eu tive que colocar muito livro fora. Ele lia literatura, Machado de Assis, José Lins do Rego.... Crônicas, Revistas, Jornais de São Paulo, a Folha, do Rio. Isso sim, ele comprava muito jornal! Porque o primeiro emprego dele foi no jornal de POA, no Jornal do Comércio, depois ele foi pro Correio do Povo. Ainda solteiro, enquanto estudava. Entre 54 e 58, porque depois ele se formou e veio pra Passo Fundo, casamos.

A minha sogra conta que o sonho dela era ver o Edy médico. O Edy saiu daqui pra fazer o vestibular pra medicina, em Porto Alegre. E pai e mãe, todo mundo sabendo que ele ia ser o médico da família. Ele foi fazer cursinhos em POA, porque tinha muitos amigos lá. Ele tinha um amigo muito chegado que foi junto. Ele chamava o Condine de “o meu irmão branco” e ele, também, dizia que o Edy era o “meu irmão preto”. Ele já é falecido também. Lá nos cursinhos, se preparando, ele disse pro Condine “não, eu não vou ser médico! Vou ser médico, até, mas médico da literatura, médico da cultura literária. Tô vendo que a minha vontade é ser Jornalista”. Daí ele fez vestibular pra Jornalismo e passou muito bem classificado na PUC e a PUC não era gratuita, só entrava pra PUC filhos de grandes estadistas riograndenses, gente do interior que ia pra lá era só filho de médico, de fazendeiro, filho de gente que tinha dinheiro pra sustentar os estudos dos filhos. Então, o que o pai e a mãezinha fizeram: “tudo bem, vamos dar educação pro Edy!”. Graças a Deus essa foi a herança que o Edy recebeu dos pais: a educação. Nunca faltou nada pra ele: livros, viagens a estudo, tudo.

O João Carlos Condine era um amigo – a família dele tinha um comércio ali perto do Clube Comercial, na Avenida Brasil – e eles se reuniam justamente pra escrever ou pra discutir assuntos entre os dois. Os dois.

## 2. *Quais são as coisas importantes para se lembrar sobre Edy Isaías?*

O Edy era um apaixonado pelo Clube Visconde do Rio Branco, ele escreveu muito sobre esse Clube. Porque esse clube nasceu no terreno da casa dele, os primos e irmãos da minha sogra que fundaram o clube. Todo negro era festeiro e viviam se reunindo pra festejar. E resolveram formar uma sociedade. Ali ele via união, ali o pai e mãe de conheceram, outros casais, tudo ali. O pai do meu sogro foi o presidente, daí o compadre foi o seguinte – este era vô do genro do seu Eduardo, do pai da irmã do Edy. Aí depois esse senhor passou a presidência pro meu avô. Então, o Clube foi passando de mão em mão sempre na família. Hoje ele tá bem danificado, tá desativado, mas tá ali, o gigante da Morom, do qual hoje eu sou a presidente, desde a morte do Edy, que era o presidente quando faleceu. Se Deus quiser vamos reativá-lo. Eu entrei na política pra isso, pra dar continuidade à cultura dos que me rodeiam e da sociedade de Passo Fundo.

No domingo, os velhos se reuniam no Clube pra contar histórias, discutir a situação política e casos familiares. Iam na Missa das 9, na Matriz ou na Catedral, e depois iam pro Visconde do Rio Branco. Depois de meio-dia todos subiam pra suas casas ou resolviam fazer alguma coisa, uma comida ali pra eles comerem. Chovesse ou ventasse, o domingo era reservado pra eles (homens influentes da cidade, negros e também brancos) colocarem a conversa em dia ali no Clube. Então descia Dr. Daniel Dipp, descia a família daqueles que tinham lá na Morom – os Morsch, a família aqui dos Madaloso. Então era assim, eles se juntavam pra conversar, pra botar os assuntos em dia. Por que? Porque eles se davam muito bem, eles não tinham essa coisa de discriminação. Não era só negro, não. Eles se davam, todos.

Nos últimos tempos ele escreveu sobre o negro, mas logo de início ele escrevia de tudo, sobre a saúde, sobre a parte de criminalidade, a parte de cultura, a parte social, econômica, agricultura, ele escrevia de tudo, acho que até escrevia por Nacional também.

Na época da ditadura eu tinha até um certo medo, ficava apreensiva quando ele saía porque, naquela época andavam caçando e o Edy era aberto, ele falava o que ele queria, ele escrevia o que ele queria. Nunca foi chamado a atenção, ou veio alguém aqui dentro de casa pra dizer “ó, pára, tu não escreva mais isso!”. De vez em quando os amigos diziam: “ó, Isaías, cuidado, tu tá entrando demais ali, tu tá entrando demais aqui, cuidado!” Ele respondia “não, eu tô falando a realidade e quem quiser me prender que venha aqui”.

Ele foi muito contra a ditadura. Teve até um tempo que ele teve que ficar meio parado. O Edy usava um casacão preto, óculos escuro e chapéu, tu olhava ele e todo mundo já sabia – aquilo era tradicional dele. Então ele escreveu coisa meio pesada, sabe? Mas ele sabia escrever! Ele botava tudo aquilo que tava acontecendo de uma certa forma que não milindrava nem pra ele, nem pra quem lia, nem pra quem tava naquela época comandando. Ele tinha uma maneira de escrever tão aberta e profunda que não... tu entende? Ele disse o que tinha que ser dito na época. Ele era muito ponderado. Ele sabia a hora certa de se manifestar. Porque ele sabia que era uma época de ditadura, onde o Brasil estava passando por uma série de dificuldades e problemas. Se ele largasse qualquer coisa que viesse contrariar as idéias do momento, a pessoa dele seria prejudicada, o trabalho dele seria prejudicado... então ele ponderava e nessa ponderação o pessoal achava que ele era submisso, que ele era medroso ou que ele não queria falar, ou não sentia nada. Pelo contrário!

Não sei se por ele ser negro ou por saber mais do que os outros, mas ele foi muito “bitolado” pelos outros. Criticado, entende? O que ele fazia, as pessoas não concordavam e criticavam, ignoravam o que ele dizia, às vezes. Por exemplo, ele já falava em cotas pros negros desde aquela época, mas junto com outras condições de vida necessárias. Ele dizia “olha aí, Lourdes, tão falando essas coisas de mim porque eu só falo a verdade”. Um dia ele falou “um dia isso vai aparecer, eu tô falando a verdade!”

Era muito católico, vicentino. Ajudou o grupo que cuidava do Hospital São Vicente de Paulo.



Houve 3 tentativas de fazer funcionar O Expresso. A primeira foi a criação, na década de 60. Depois, com alguns alunos tentou reeditar em 78 – que não vingou. E da última, logo após sua morte. O Expresso foi um sonho dele que ele deixou preparado. Nós é que reeditamos após morte. É um sonho dele! Tudo isso aqui (mostrando os últimos números do jornal) foi depois que ele morreu. Os textos dele são textos reeditados também. Ele fazia tudo, batia, fazia os “bonecos” do jornal. Ele mesmo armava. Deixou também livros escritos, em forma de rascunho, de próprio punho.

Em 1967 já estava em decadência o jornal, por problemas técnicos. O auge, creio que foi no segundo e terceiro ano (1962/63/64). Ele tinha uma postura!! O Edy comprou uma máquina e todo o jornal ele escrevia, fazia o “boneco”, mas daí ele ia trabalhar (dar aula) e deixava dois rapazinhos que ele ensinou pra compor. Deixava tudo escrito e dizia que quando voltasse era pra estar tudo pronto. Era como um móvel grande cheio de gavetas. Tinha “a” maiúsculo, “a” minúsculo, “a” gráfico.... às vezes não tinha uma pecinha de acento, ou uma letra e daí tinha que misturar. Tinha um tipo de letra só pra manchete e ia armando toda a composição numa tabuinha e botava tipo numa caixinha e fechava e outro levava pra máquina e arrumava. As fotos, como é que ele fazia?!!! Não tinha computador. Ele fez uma caixa com um vidro onde ele colocava os desenhos e passava uma fórmula líquida e punha no sol e daí podia imprimir. A máquina não era elétrica, era rodada pela gente, eu mesma rodei muitas vezes aquela máquina.

Por ser negro e por ser pobre, ele sofreu, mas ele ultrapassou essa barreira através do conhecimento e da cultura dele. Ele somou muito! Por que Passo Fundo conhece o Edy? Porque ele influenciou. Ele fez as coisas e fazia o correto.

Foi mais marcante na vida dele ter formado outros jornalistas. O jornal passa, passou. Mas os que ele formou estão aí até hoje, trabalhando e levando o jornalismo adiante. Até no exterior - EUA, como um que estudou aqui e foi aluno dele em Erechim e em Passo Fundo. Até, na morte do Edy ele falou na televisão (um canal de Tv a cabo), lá dos EUA, na morte do “meu grande professor”. Ele se dedicou muito a esses alunos!

### 3. *Como ele era em casa, com a família?*

O Edy foi uma pessoa que não nasceu por mero acaso, não. O Edy nasceu pra marcar uma bandeira na formação de uma sociedade. Como negro, como pai, como marido, como avô, como estudante.... em tudo ele se destacava, levava tudo parelho.

Ele não era daquele tipo boêmio. Ele até ia pra noite, daí chegava tarde e me dizia “iiih, já tá brava! Mas eu tô trabalhando, eu não tô como os outros. Eu tô procurando notícia”. E ele ia atrás da notícia. Ele se dava muito com todos, com todo tipo de pessoas, convivia, mas nunca fumou, nunca bebeu. Era um paizão! E como esposo eu não tenho nem como te dizer: pra mim foi um amigo, um companheiro, um confidente, um marido, aquele do dia a dia que eu podia deitar minha cabeça no ombro dele e dizer “olha, Edy, hoje eu tô assim, eu to arrasada!”. E ele dizia assim pra mim: “calma, Lourdes, calma... tu tá agora, nesse momento, mas daqui a um minuto é outra coisa. Vai... vamos junto...”. Era conselheiro..... tu sabe que eu tenho uma irmã que até hoje – já vai fazer 3 anos que o Edy faleceu –

mas ela chega aqui e diz “desculpe, Lourdes, o Julio (marido dela, né?) fica até bravo ‘ai, Alzira, o que que a Lourdes vai pensar? A gente fala no Edy e tu te debulhas chorando!’. Mas ela tinha nele aquela segurança! Começando nos partos dela: ela não ganhava os filhos se o Edy não chegava na sala. Eu não tinha ciúmes porque eu sabia que era uma amizade, né?! Então, quando ela ia pro hospital pra ganhar os bebês, naquela gêmeção, o meu cunhado ficava pro lado de fora e o Edy tinha que entrar e caminhar com a Alzira de mão. “ah, Alzira, respira! Respira que o nenê já vem! Te acalma que o nenê já vem!”. Ele fazia isso comigo também! O único filho que ele não conseguiu ver nascer foi o último, o Francisco, porque eu tava nos momentos das dores daí ele perguntou pro doutor quanto tempo e o doutor falou “não, só daqui uma hora”, “então eu vou em casa ver os outros”, porque os outros pequenos ficaram em casa. Quando ele chegou eu já tava com o Francisco no colo. Daí ele dizia “danada! Viu, toda metida! – ele dizia bem assim pra mim! – Esse tu quis ganhar sozinha, né? Não quis que eu visse!”. E ele era muito assim, qualquer coisa que eu fazia “ah, tu quis fazer.... agora arca com as conseqüências! Não venha chorar!” Com o dedinho, coisa mais adorada! “Não venha chorar! Caaalma, você procurou! Então vamos resolver! O que que há? Senta aqui! É dinheiro? Nós não temos agora? Mas nós vamos ter amanhã!”. Era sempre assim! A minha cunhada que teve aqui, a Geni, também. Eles se davam assim como se fossem irmãos! Eu olhava e dizia “como eles se afinam!”. Eram confidentes. Ela, às vezes, chegava com um problema “desse tamanho”, daí o Edy conversava com ela e ela já dava risada, no fim já saía rindo.

4. *Qual o papel da leitura na vida dele?*

Tudo que ele disse e fez era porque ele lia muito! Ele dizia tanta coisa, sabia explicar tanta coisa que, às vezes, ouvindo ele falar, eu ficava até admirada! “Edy, de onde tu tira tanta coisa?!” “Eu faço o que tu não é acostumada a fazer, eu leio!” Só o que ele me dizia! E lia mesmo! Devorava livros e livros e procurava as informações, como tu tá fazendo agora, pra confrontar o que lia e aí surgiu o grande arsenal que o Edy tinha: da leitura!”.

## ANEXO G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: M<sup>a</sup> DE LOURDES ISAÍAS DA CRUZ (Irmã), em 07/10/04:

### 1. *Como foi a infância do Edy? Que tipo de criança ele era? Que coisas gostava?*

Até uma certa idade o Edy era muito quieto... nós tínhamos um outro irmãozinho mais novo, que era até mais esperto do que ele (faleceu com quatro anos). O Edy não, parecia meio “patetinha”, quietinho. Até o outro fazia aquelas brincadeiras... empurrava, derrubava ele e ele calmo, aquela coisa assim.... Mas depois, mais tarde, ele começou a parece que desabrochar. Gostava muito de brincar com os primos, o Paulo e o Walter Isaías (que já são até falecidos também). E eu (era mais velha, mas ainda era criança) com a minha irmã Terezinha, quando já morávamos aqui, brincávamos de boneca. Então, nós arrumávamos no pátio as bonecas, as casinhas. Aí, um dia nós viemos pra dentro pra tomar café e ele e os primos cortaram todas as nossas bonecas e iam incendiar as nossas bonecas! Mas nós chorávamos depois “olha o que eles fizeram!” e ele ria. Aí ele já começou a se manifestar mais “danadinho”. Acho que aí ele tinha uns oito anos, não me lembro bem... Também, quando ele tinha uns amigos que eram primos do meu pai, de quem ele era muito amigo e posava na casa do Nelson e do Nei. Inclusive, às vezes, quando os pais iam nas festas eles vinham posar aqui e a mãe e o pai gostavam muito de plantar (porque o terreno ia até o fim, lá na Morom e era aberto pra lá também). Eles plantavam milho, plantavam couve, abóbora, tinham galinha. E eu sei que quando esses amigos (que eram meio parentes de longe) vinham posar aqui (a mãe e o pai também ia nessas festas, principalmente em baile, no baile do Visconde), os guris levantavam cedo (porque a mãe dizia, vão brincar pra longe pra me deixar dormir). Sabe o que eles faziam? Pegavam as abóboras da mãe, as morangas da mãe e calavam, como de primeiro... faziam aqueles triângulos como fazem pra ver se a melancia tá madura, sabe? Cortavam todas as abóboras e as morangas e, quando a mãe e o pai levantavam diziam “mas o que que vocês fizeram?”. Mas levavam tudo na brincadeira, porque ele (Edy) ficou sendo o único filho homem (porque o meu irmão mais novo faleceu com quatro anos, né?), então ele ficou sendo o único homem, porque sou eu e mais três irmãs do primeiro casamento do meu pai. Então ele era o único menino na família.

### 2. *Essas irmãs moravam com vocês?*

Moravam. Primeiro elas moravam com a minha avó, mas daí a vó morreu e elas vieram morar conosco aqui. Era a Sebastiana, Almerinda (que o apelido é Zuza) e a Terezinha, que mora aqui, ainda, com a mãe.

Bom, ele era o único filho homem, então ele era muito paparicado, né? Principalmente do lado do pai, porque o pai sempre quer um filho homem pra continuar a família, né? Então ele foi o único que sobrou. Então, ele fazia essas artes, essas “danadezas” e não era castigado. Só falavam com ele e tudo, “tudo bem”, passava.

Outra brincadeira que eles faziam, ele e esses parentes distantes, quando vinham aqui pra brincar, pegavam as galinhas da mãe e quebravam as pernas! Ele era “danadinho” quando criança. Bem “danado”. Ele gostava de fazer “danadeza” no pátio e gostava muito de carrinho. Gostava de instrumentos musicais, uns violãozinhos, cavaquinhos, sei lá... brincavam um pouco e já estragavam. Botavam no tanque pra lavar e desmanchavam.

Era uma criança normal. Nós tivemos uma infância muito boa!

Daí nós fomos embora pra Carazinho. Lá ele começou a gostar muito de leitura. Ele saía da aula e ficava na Biblioteca. Ele lia, assim, a Coleção do Monteiro Lobato ele lia inteira!

3. *Que idade ele tinha quando começou a gostar de ler?*

Acho que ele estava com uns 10 anos, quando despertou aquela vontade de ler. Então ele lia, chegava em casa, daí a gente se reunia (porque naquela época não tinha a televisão, era só rádio), daí a gente se reunia e ele começava a contar aquilo que ele lia. E isso continuou até depois, quando adulto, como pai, como avô. Ele sempre gostava de contar o que ele lia, o que ele via, né? Aí sentava e contava, e tinha um “cacoete”, não sei se a mãe lembra, eim? “Aí, depois, a Emília saiu...” e ficava “e daí, e daí, e daí” e coçava a cabeça. E nós dizia “que que adianta a história ficar ‘e daí?’” Ele às vezes não lembrava bem... Eu sei que ele devorava a biblioteca da escola pública onde nós estudávamos o primeiro grau. Ele adorava ler.

Depois, já estava adolescente e já tinha outras amizades e começou a se interessar por cinema. Ele fabricou uma filmadora... com a lente de um binóculo velho do pai (que era militar e deu pro Edy). Pegou aquela lente que era a lente da máquina de passar o filme. Daí ele mesmo fez uns desenhos... Ele gostava muito de cinema, ele ia nas matinés de cinema e via filme de bang-bang... Então ele pegava papel de seda e desenhava aqueles, assim, com revólver... o mocinho atrás do bandido... Quando chegava a noite ele apagava as luzes, reunia toda a família e ia passar os filmes dele. E nós lá, todo mundo bem feliz da vida, assistindo. A gente achava interessante aquilo que ele fazia, né? Ele era um pouco assim, como é que a gente se diz? Ele gostava de inventar as coisas, até os brinquedos dele! Até antes dele fazer essa filmadora, ele fazia uns brinquedinhos de madeira, ele mesmo. Acho que ele viu alguém e daí chegou em casa e manualmente ele fez: tinha duas varetinhas, assim, e um bonequinho no meio com um barbante. Quando apertava as varetas o boneco dava cambalhotas. Ele inventou isso, também e a filmadora. A filmadora ficava toda a família assistindo.

4. *Essa “filmadora” projetava na parede?*

Projetava na parede! Isso mesmo, e ele que inventou! Ele era muito inteligente, só que não gostava de estudar (rsrsrsr). Ele não gostava, até tirar o Ginásio ele estudava o suficiente pra passar. Daí o pai e a mãe diziam: “mas Edy, tu é inteligente! Aproveita a tua inteligência mais!”. Nessa época ele já estava lá no Ginásio La Salle em Carazinho. O pai e a mãe diziam “Edy, os irmãos (padres) dizem que você pode ter melhores notas!” E ele levava tudo “na flauta”. Mas quando chegou no curso superior, daí ele já assumiu bem. Ele era muito criativo! Gostava de desenhar! Gostava de imitar os mocinhos dos filmes. Tinham um guri em Carazinho, um vizinho... a nossa casa ficava numa descida, mas embaixo e a do guri ficava lá em cima e ele e esse amiguinho colocavam uma escada, se vestiam de umas capas que tiravam de guarda-chuvas e se atiravam lá de cima dizendo que eram super-heróis. E eu ia brincar com a irmã desse Lino e nós ficávamos só olhando eles se atirando da escada.

Nunca se machucou sério.

Ele gostava muito de escotismo, também. Ele foi escoteiro em Carazinho, onde começou e depois veio pra cá e tinha um grupo, também. Ele tinha um nome... como é que era?... “chefe águia!”, era o nome dele. Porque os escoteiros sempre pegam nomes de animais, né? Eu sei que ele adorava escotismo! Quando ele foi

pros escoteiros ele aprendeu a cozinhar e já estava mais ou menos com uns 15, 16 anos. De vez em quando ele cozinha, fazia os pratinhos dele. Mas eles gostavam mesmo era de acampar.

5. *Ele ajudou a montar esse grupo em Passo Fundo ou só participava?*

Não! Ele que montou! Como era o nome?? (alguém na casa ajuda a lembrar). Escoteiros do Ar Salgado Filho! É, parece que era Salgado Filho.

Ele gostava muito de escrever, também. Aliás, quem gosta muito de ler, gosta de escrever, não é? E ele até deixou livros escritos que estão com a esposa dele e nós mesmo nem sabíamos que ele tinha deixado. Ele deixou bastante rascunho.

6. *Onde ele serviu?*

Primeiro em Uruguaiana, depois o meu pai conseguiu pra ele vir aqui pra Passo Fundo, pro batalhão daqui.

Aí eles vinham do quartel, tiravam o fardamento e iam pras festas.

Sei que, um dia, nós queríamos ir no cinema, eu e uma outra irmã mais velha do que eu. Daí eles disseram “não, não, nós não podemos levar vocês no cinema.” (naquela época nós só podíamos sair se fosse com o irmão ou com o pai). “Não podemos porque nós temos uma festa ali embaixo, na Independência, que nós temos que aproveitar”. Então tá! Naquela época tinha o Sesc, que passava os filmes nas ruas e veio casualmente numa vizinha da Rua Morom e nós ficamos assistindo o filme. Dali um pouco nós olhamos e vimos “mas não é o Edy e Walter? São eles!”. E eles riam, mas riam. Nós perguntamos o que aconteceu e eles responderam: “Não deixaram nós entrar na festa! Disseram ‘os Isaías aqui não entram!’”. Acho que eles faziam anarquia nas festas! Aí nós dissemos “viu, olha aí! Vocês não nos quiseram levar no cinema, viu? Foram barrados no baile!”

Namorado..... bom, ele teve algumas namoradas, mas não foi muito, assim. Ele gostava de festa sem compromisso.

7. *Como é que foi ele ter escolhido, primeiro, Medicina?*

Acho que era o pai e a mãe que queriam que ele fizesse Medicina. Sabe como era, naquela época... Só quando ele voltou de lá, de Porto Alegre, ele falou “olha, eu não passei no vestibular de Medicina, mas eu escolhi Jornalismo!” O pai ficou meio assim, né? “O que é que eu vou fazer? É a tua vontade. Tu gosta...” Ele até disse assim pro Edy: “Olha, Jornalismo, depois tem que ser dono de jornal, tem que ter dinheiro e nós não temos, a gente é pobre, nós não podemos”. Mas era o que ele gostava, né? Sei que ele até fez estágio no Diário de Notícias, que existia em Porto Alegre. Ele fez Jornalismo na PUC. Depois, aqui em Passo Fundo ele fez Filosofia e começou a lecionar.

8. *Ele fez concurso pro estado, pro magistério?*

Não, acho que ele não precisou fazer concurso. Ele entrou naquela época que não precisava. Depois eles até estavam exigindo concurso, mas disseram que os professores que tivessem dez anos ou mais de magistério seriam automaticamente efetivados, nomeado. Então ele nunca precisou fazer concurso.

9. *Até hoje é muito difícil a vida da maioria dos negros no Brasil. Mas percebe-se, que vocês, apesar disso, não se sentem “inferior” como negros. A que se deve isso?*

Aos pais! A gente sabia que o negro era discriminado, né? Daí então, quando nós começamos a estudar o pai e a mãe diziam “olha, pro negro tudo é mais difícil! Então, se o branco estuda X, o negro tem que estudar Y, tem que ir adiante, senão não consegue nada. Daí então a gente sempre se esforçava, tudo que fazia, fazia com vontade, com amor, com honestidade, né? E aí a gente foi vencendo todas as etapas. Mas quando fomos embora pra Carazinho, lá no Aparecida (colégio), eu senti o racismo que eu não sentia aqui. Aqui em Passo Fundo, pra mim, não existia diferença entre negro e branco. Eu tinha minhas amigas brancas, minhas amigas negras, tudo e eu me sentia bem. Quando cheguei em Carazinho nós sentimos aquele impacto porque havia separação do negro e do branco. E no colégio que eu estudei o Ginásio não tinha tido nenhuma aluna negra! Eu fui a primeira. E o Edy foi o primeiro negro no La Salle. Aí nós começamos a estudar e se dedicar mais aos estudos pra mostrar que o negro era tão competente, tanto ou quanto o branco, ou até mais, às vezes. Quando eu comecei o Ginásio eu me lembro que tinha uma irmã, muito querida, que foi irmã de música, parece. E ela sentiu que as minhas colegas (e eu não dava bola, cumpria com a minha obrigação... se quisessem me procurar, conversar comigo ou não, tanto fazia) e era uma irmã carioca e ela, num período de aula, fez uma preleção pras minhas colegas... pra toda a turma, falando sobre racismo, sobre discriminação, mas falou, falou, falou! Que todo mundo era igual, que todo mundo era filho de Deus, que a padroeira do Brasil era N. S. Aparecida – que o nome do colégio já trazia – que era a santa negra... mas eu sei que ela tocou em todo mundo e dali em diante as minhas colegas começaram a me procurar e saiu um pouco aquela barreira. Foi lá que eu comecei a sentir aquilo, porque aqui não, em Passo Fundo não sentíamos nada. Porque naquela época, nós tínhamos o nosso clube e os brancos tinham os clubes deles. Pra nós aquilo era normal, vinha dos nossos pais, dos nossos avós, então a gente procurava sempre ir no que era nosso, né? Até, quando o meu pai era oficial, fizeram ele se associar no Comercial e ele até se associou, mas nós nunca manifestamos o desejo de ir dançar no Comercial. Aqui, nessa parte, era bem racista! Negro não entrava no Comercial, nem no Caixeiral, nem no Juvenil. Mas pra nós era a mesma coisa, porque nós tínhamos o nosso clube e nos divertíamos muito bem. Tranqüilos! Aí, quando chegamos em Carazinho é que a gente sentiu bem aquela diferença. Só faltavam fazer que nem nos EUA: onde passava o negro na calçada o branco não podia passar! Quase que faziam isso. E a roupa do negro lá era diferente da roupa do branco. E nós, não, viemos de Passo Fundo, nós acostumado aqui, o que gostava, o que podia comprar a gente comprava e usava e o que era na moda. Aí, lá, começaram assim “vieram agora uns negros metidos pra cá pra Carazinho!”. Depois foi indo, foi indo e terminou aquilo, eles começaram a nos aceitar.

10. *Muitos negros, eles mesmo, se sentem em posição inferior. A gente não vê isso na família de vocês. Como foi o incentivo que vocês receberam para serem desse jeito?*

Olha, era principalmente a parte dos estudos que ele e a mãe nos incentivavam muito. Ensinavam a gente a se dedicar muito, a ser bom, fazer muita caridade com as pessoas, sem esperar a recompensa. Era isso aí. Ele sempre nos incentivou. “Vocês estudem bastante porque a maior e melhor herança que nós

podemos deixar pra vocês é o estudo, é a cultura!”. Nessa parte eles sempre nos incentivaram muito. E também ensinou a gente não discriminar ninguém. Seja pobre, ou seja mais ou menos, branco ou preto, índio. Quem bate na nossa porta, receber bem!

E a mãe sempre me incentivou, porque desde que ela era nova ela sempre quis ser professora, mas os pais não podiam dar o estudo, então ela disse que ela ia se realizar através de mim. E eu gostei, também, do magistério, então fui ser professora. Mas eu sempre dizia que, se naquela época aceitassem mulher no Exército, eu ia para o Exército. Eu ia ser militar. De oficial pra cima, eu não queria começar como soldado! Eu queria ser tenente já. Agora tão aceitando, né? A minha sobrinha e filha não quiseram, mas se fosse comigo eu ia. Afinal, o negro tem que se destacar é assim: é na parte da cultura, é na parte da humanidade, ser humanitário, ser bom... pra apagar aquela coisa ruim que nosso antepassados tiveram, né? Mas é bem como você diz, o negro se retrai... quando chega num local onde ele não é bem conhecido... ai, ele já fica... com medo de se entrosar com as pessoas... Não! A gente é igual qualquer um! Não vai fazer bobagem, não vai fazer escândalo, né? Essa parte aí tem que procurar vencer. Mete a cara!

*11. Falando em antepassados de vocês, quem que começou a dar essa “volta” na família? E que mudou o rumo da família?*

Foi meu pai, foi meu pai. Ele, também, lutava com muitas dificuldades porque os pais dele eram pobres, né? E ele foi servir no Exército e foi estudando aos poucos, né? Mas não pôde cursar a Academia, porque os pais dele não podiam sustentar, né? Porque ia pra Porto Alegre, depois ia pro Rio... Mas como ele prestou serviço em revoluções, então ele teve, ele passou pra Sargento, pra Subtenente, pra Tenente, pra Capitão, por causa dos bons serviços que ele prestou no Exército. Dali em diante nós começamos...

Ele lutou as revoluções de 30, de 32... essa que passou esses dias na televisão, pra botar o Getúlio no poder. Foi em duas, nessas duas. E por causa dos bons serviços ele foi galgando os postos mais avançados e ele gostava, meu pai era militar mesmo, bem “Caxias”. Até na família, até na nossa educação. Tínhamos horário pra tudo. E quando a gente é criança gosta muito de brincar, mas chegava do colégio, estudávamos de manhã, almoçávamos e depois queríamos brincar... Huhum, às duas horas todo mundo estudar. E a gente ia estudar e, enquanto não terminasse os temas, não ia brincar. Então era assim. E se a minha irmã mais velha (uns quatro anos mais do que eu), eu e o Edy queríamos ir no cinema, na matiné no domingo e a irmã queria ir junto tínhamos que esperar “vão os três, nenhum na frente do outro” e essa nossa irmã era muito indecisa. Tinha um filme muito bom que nós queríamos ver e ela também, e nós já estávamos na porta aqui de casa, uma casa velha, pra ir pro cinema, pro Coliseu e ele disse “esperem a irmã de vocês porque vocês não vão na frente, tem que ir todo mundo junto, senão não vai ninguém”. Tá! Quando a gente já tava na porta ela disse que não queria ir mais. “Pai, agora dá pra ir?” “Dá!” Daí a gente chegava na porta e daí de novo ela queria ir, umas três vezes ela fez isso. E o pai “esperem!” Mas quando ela foi, da terceira vez, nós chegamos no cinema e não tinha mais lugar. Perdemos o filme.

E era assim. Se tinha que ir numa festa, vai a família inteira, nada de um na frente e um depois, vai todo mundo. E horário pra voltar ele também estipulava: “tal hora tem que estar em casa”. E era assim.

Ele também cuidava muito com quem a gente andava. Daí a gente acostumou e daí nós mesmos, em certas coisas duvidosas, a gente já não ia. A gente se acostumou assim.

A nossa educação foi ótima, o que ele nos transmitiu, foi tudo jóia, muito bom, foi pro nosso futuro mesmo – ele e a mãe. Nos cuidaram muito!

*12. Mais alguma coisa que queira dizer sobre o seu Edy?*

Olha, ele era um irmão muito querido, não embrabecia, não brigava com ninguém. O Edy era daqueles que se levasse um tapa aqui (no rosto) virava o outro lado. Eu me lembro tão bem que às vezes, não sei porquê, eu ficava muito braba com ele e dizia assim: “mas agora eu vou lá falar com o Edy, onde já se viu fazer isso, isso e isso”. Eu chegava perto dele e ele dizia “o que foi, Maria?” E aí, antes de eu falar ele começava a me contar uma história e ele tinha aquele cacoete de ficar coçando a cabeça e a gente ria bastante. Pronto. Ele desmontava, desarmava a gente. Mas eu nunca briguei com ele, nunca, nunca, nunca.

*13. Nem quando criança?*

Não, nem com as artes dele. Até me admiro, hoje, irmãos que vivem brigando. Nós não! Ele era muito amigo, não só da nossa família mas também de outras pessoas também. E era assim, de uma humildade que ó!! Às vezes chegavam pessoas pra querer encher ele de desaforo e ele era aquela calma, ia explicando – ele era muito de filosofar – ia dizendo as coisas, e desarmava a pessoa. Era assim. Um irmão... báh, a gente sentiu muito a morte dele, né? Nunca que a gente esperava... Era um irmão muito amigo, pra todas as horas. Era amigo e a gente podia contar com ele.

Me recordo que nós fomos fazer uma excursão e foi a mulher dele que organizou com umas colegas do colégio, e nós chegamos em São Paulo – e SP tem muita loja com coisa boa – e a minha filha eu acho que tinha uns 14 anos e era muito indecisa pra comprar as coisas. Eu mostrava e ela dizia “não, não quero, mãe, não quero”, e ela começou a chorar e eu disse “te vira, então, escolhe o que tu quiser!”, daí eu saí pro outro lado. Veio ele, que era padrinho dela, e disse “o que foi, Claudinha?”, “a mãe não tem paciência comigo!”, “venha cá!”, abraçou ela – abraçava qualquer mulher – “olha aqui, olha aqui que bonito esse aqui, esse aqui serve pra você”, “é padrinho, eu quero!”. Pois ele foi indo e fez ela escolher. Eu que sou mulher não consegui e ele com aquela paciência... Ele era assim, duma paciência... e ela adorava esse padrinho dela. Sim, né? Porque ele tinha paciência com todo mundo!



**ANEXO H – DOCUMENTO DE REGISTRO DA FIRMA  
“TIPOGRAFIA O EXPRESSO JORNAL”, 28/02/67**

FIRMA INDIVIDUAL DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

EDY ISAIAS, abaixo assinado, brasileiro, casado, Licenciado em Filosofia, Bacharel em Jornalismo, residente e domiciliado em Passo Fundo, à rua Moron 2 894, pelo presente instrumento, organiza uma firma individual, De RESPONSABILIDADE LIMITADA, para exploração de serviços gráficos e para editar o periódico " O EXPRESSO JORNAL ", com oficinas impressoras próprias, com sede nesta praça à rua Moron 2 910 devendo funcionar sob a firma e condições seguintes:

1a. - A firma girará sob a razão social de " TIPOGRAFIA EXPRESSO JORNAL LTDA.", de qual só fará uso o Proprietário, Diretor-Gerente;

2a. - A duração da firma será por tempo indeterminado;

3a. - O capital social será RCr. \$ 2 000, 00 ( dois mil cruzeiros novos ). A responsabilidade do organizador da firma, é limitada à importância total, do capital social;

4a. - No fim de cada ano será dado um balanço, geral, da firma;

5a. - O falecimento do organizador da firma, não implica na sua extinção. Os herdeiros, em comum, exercerão o direito à firma, em comum ou designando, se assim determinarem, um dos coproprietários para os representar.

6a. - Os casos omissos, neste documento, serão regidos pelas disposições constantes no Dec. Leg. nº 3.708, de 10 de janeiro de 1919, das quais tem pleno conhecimento, o organizador da firma, que a elas se sujeita, como se cada uma delas se fizesse aqui, especial menção.

E, por estar ciente, obriga-se a cumprir, fielmente, este documento que assina com dois testemunhas a tudo presentes, lavrando-se 3 ( três ) exemplares de igual teor, dos quais um será arquivado na Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Sul, outro no registro Civil, outro será guardado no arquivo da firma.

Passo Fundo, 28 de fevereiro de 1967

*Alberto Palma*  
Duas Testemunhas

*Edy Isaias*  
Jor. Edy Isaias


RECONHEÇO a firma *Edy Isaias*  
por semelhança com a existente no registro do Cartório.  
Passo Fundo (RGS) 28 de -02- de 1967.  
EM TESTEMUNHO *[assinatura]* DA VERDADE

CIPIERAS:  
BRINCADE - CALEGRE  
VALGA - SÃO PAULO  
ENAPIL - GUANABARA

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL  
PASSO FUNDO

Fonte: A família

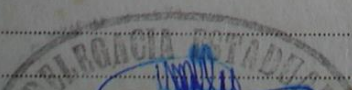
**ANEXO I – DOCUMENTO DE REGISTRO DA MARCA “O EXPRESSO JORNAL”, EM 10/11/69**

 MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO  
DEPARTAMENTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL  
DELEGACIA ESTADUAL DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO  
RIO GRANDE DO SUL  
SERVIÇO DE RECEPÇÃO, INFORMAÇÕES E EXPEDIÇÃO

CERTIDÃO DO TERMO DE DEPÓSITO nº 1168

As DEZESSEIS horas e TRINTA minutos do dia DEZ de NOVEMBRO de mil novecentos e SESSENTA E NOVE apresenta o sr. Edy Iseias, estabelecido à Av. Brasil nº 1226 - Passo Fundo - RS para o fim de ser depositado neste Departamento, nos termos do Regulamento em vigor, um pedido de registro da marca "O EXPRESSO JORNAL", incluída na classe "32" do Código da Propriedade Industrial. - As taxas previstas pela legislação vigente foram recolhidas ao Banco do Brasil S.A através de guias quitadas em 22/10/69.

**REGISTRO DE PATENTE**



Fonte: A família

**ANEXO J – MATÉRIA DO CORREIO DO POVO – POA, SOBRE  
O FECHAMENTO DO CURSO DE REDATOR  
AUXILIAR NA ESCOLA CECY LEITE COSTA ,  
07/12/86**

CORREIO DO POVO

10 – DOMINGO, 7 de dezembro de 1986 EDUCAÇÃO

## Escolas querem aperfeiçoar cursos

As Escolas de 2º Grau de Passo Fundo buscam o aperfeiçoamento de seus cursos, tentando reforçar os currículos e proporcionar com isto uma possível melhora no ensino. Algumas delas, baseadas na Lei 7.044, extinguíram cursos profissionalizantes, para introduzir o curso de Preparação para o Trabalho. Estudantes e professores discutem o polêmico assunto.

No início do segundo semestre letivo, os alunos da Escola Estadual Cecy Leite Costa lançaram um boletim escolar. Nele foram editados diversos artigos, muitos escritos pelos próprios estudantes, pedindo explicações sobre a extinção do curso de Redator Auxiliar, Economia Doméstica e Prótese.

Os estudantes consideram um absurdo a escola ter extinto os três cursos, sob alegação de falta de recursos, consideram também um absurdo introduzir o curso de

Preparação para o Trabalho, que na versão deles, nada mais é do que a volta do antigo científico. Uma das estudantes, Tais N.R., que escreveu um dos artigos, deixou bem claro o posicionamento dos estudantes: a luta está começando; nós queremos explicações claras sobre a extinção e lutaremos pela volta dos cursos. Neste artigo, Tais coloca que muitos dos alunos do Redator Auxiliar conseguiram se projetar na imprensa passo-fundense, tornando-se excelentes profissionais. O que os estudantes querem é o aperfeiçoamento destes cursos, que dá a opção para a busca de um caminho profissional. A Preparação para o Trabalho, dizem eles, não prepara para nada.

**RECURSOS**

A direção da Escola Cecy Leite Costa, por sua vez, descartou o fato de que foi a falta

de recursos que motivou a extinção dos três cursos. Segundo a diretora, Marilena Palma de Souza, os cursos foram extintos, baseado numa pesquisa que foi feita entre estudantes e comunidade. "Os próprios alunos não estavam procurando nossos cursos", afirmou ela.

Disse que baseada na Lei 7.044, que introduziu o curso de Preparação para o Trabalho, a escola teve a liberdade de fazer uma opção: "Ou melhorar o ensino e dar base para que o estudante parta para um vestibular, ou deixar que as coisas permanecessem como estavam, oferecendo um ensino superficial".

Marilena garante que o curso de Preparação para o Trabalho não é qualificante, entretanto dá uma excelente formação para que o estudante faça vestibular e busque na universidade a sua qualificação.



Fonte: Arquivo da Escola